

Universidade Federal da Fronteira Sul
Campus Realeza PR



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS NATURAIS E
SOCIEDADE -PPGECNS**

ELIANGELA PALHARINI DE CARVALHO LOTICI

PERCEPÇÕES DOS SUPERVISORES DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA,
ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, DO MUNICÍPIO DE REALEZA PR
SOBRE INFLUÊNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Maria Wirzbicki

Realeza
2018

ELIANGELA PALHARINI DE CARVALHO LOTICI

**PERCEPÇÕES DOS SUPERVISORES DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA,
ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, DO MUNICÍPIO DE REALEZA PR
SOBRE INFLUÊNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para o Programa de Pós-graduação *Lato Sensu* em Educação em Ciências Naturais e Sociedade da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de especialização em Ciências Naturais e Sociedade.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Maria Wirzbicki

Realeza
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Ozório, 413D

CEP: 89802-210

Caixa Postal 181

Bairro Jardim Itália

Chapecó -SC

Brasil

FICHA CATALOGRÁFICA

Carvalho, Eliangela Palharini De. **PERCEPÇÕES DOS SUPERVISORES DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA, ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, DO MUNICÍPIO DE REALEZA PR SOBRE INFLUÊNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.**/ Eliangela Palharini De Carvalho Lotici. -- 2018. 70 f.:il.

Orientadora: Sandra Maria Wirzbicki.

Trabalho de conclusão de curso (Pós-graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de pós-graduação em Ciências Naturais e Sociedade -PPGECNS, Realeza, PR, 2018.

1. Estágio curricular. 2. Formação inicial. 3. Identidade docente. 4. Supervisor de estágio. 5. Contribuições do supervisor.

I. WIRZBICKI, Sandra Maria. orient. II.

Universidade Federal da Fronteira Sul. III. CARVALHO, Eliangela Palharini de.

ELIANGELA PALHARINI DE CARVALHO LOTICI

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para obtenção do grau de **ESPECIALISTA** em **Educação em Ciências Naturais e Sociedade** na UFFS, campus Realeza/PR.

Orientadora: Profa. Dr. Sandra Maria Wirzbicki

Este trabalho de TCC foi defendido e aprovado pela banca em 10 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
FRONTEIRA SUL
Campus Realeza
CNPJ: 11.234.780/0001-50
Fone: (46) 35438300
Rodovia PR 182, km 466
Realeza-PR

Barbara Grace de Lima
Barbara Grace Tobaldini de Lima (UFFS/Realeza/PR)

Jackson Luis Martins Cacciamani
Jackson Luis Martins Cacciamani (UFFS/Realeza/PR)

Raquel de Mello
Raquel de Mello

(pós-graduanda/PPGECNS/UFFS/Realeza/PR)

Dedico este trabalho aos meus familiares, esposo e filhos, meus colegas professores da Pós com os aprendi muito, minha orientadora que foi muito importante no processo de construção e escrita deste trabalho e aos supervisores que se entendem formadores de novos professores e, portanto se comprometem com essa formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida, proteção e por ter me dado forças para enfrentar os desafios e superar as dificuldades.

Aos meus pais pelo amor, carinho, preocupação e orações dedicados durante toda minha existência.

Agradeço a minhas irmãs que sempre me apoiam, amo-as. Agradeço de forma especial a Rosilene que acompanhou de perto durante a especialização sendo muito importante ajudando-me em um momento especial de minha vida, da gestação a maternidade do meu pequeno Mathias Daniel.

Ao meu esposo João que sempre foi meu porto seguro e o alicerce de nossa família. Ao meu filho João Mateus que mesmo longe acompanhou cada momento vivido durante esta formação.

A professora Dr^a. Sandra Maria Wirzbicki por aceitar me orientar e contribuir com minha formação, obrigada pelo aprendizado que adquiri durante este tempo.

Meu agradecimento especial a minha sobrinha Ana Julia que me ajudou muito cuidando do Mathias Daniel (meu bebê, benção de Deus em minha vida) durante a escrita e orientações desse trabalho.

Aos supervisores que aceitaram participar da pesquisa contribuindo assim para a reflexão acerca da formação inicial de professores de Ciências.

Aos meus colegas da Pós-graduação, professores e a todos que contribuíram de alguma forma, direta ou indiretamente, para essa realização.

Obrigado pelo aprendizado adquirido e amizades construídas.

Resumo:

Pensar formação inicial do professor perpassa desafios enfrentados ao longo da formação dentre eles os referentes aos estágios, que são importantes e necessários para a construção da identidade docente e constituição do professor. Neste sentido, valorizar o trabalho dos sujeitos envolvidos é fundamental para que haja um engajamento e compromisso neste processo. Assim, conhecer as percepções e sugestões dos supervisores de estágio torna-se significativo no sentido de contribuir com reflexões que subsidiem o processo de formação inicial em relação a ação tanto de professores quanto estagiários. Para tanto, a metodologia utilizada foi baseada na pesquisa qualitativa utilizando-se de entrevistas e escrita de narrativa com supervisores de estágio de Ciências da Natureza e suas Tecnologias das escolas de Educação Básica, séries finais do Ensino Fundamental, do município de Realeza/PR. A análise dos dados foi feita com base na Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiazzi através da qual emergiram quatro categorias que permitiram refletir sobre os discursos dos supervisores de estágio da escola em relação ao seu papel nos estágios, sua contribuição para a formação do novo docente, relação entre a Universidade e a escola, e, os desafios no ensino de Ciências.

Palavra chave: Estágio curricular. Formação inicial. Identidade docente. Supervisor de estágio. Contribuições do supervisor.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	p. 9
2. DIÁLOGOS TEÓRICOS.....	p. 11
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	p. 16
4. REFLEXÕES ACERCA DOS “CAMINHOS PERCORRIDOS” NA PESQUISA.....	p. 19
A) Relação universidade escola sob olhar do Supervisor.....	p. 21
B) O papel do supervisor nos estágios.....	p. 30
C) Contribuição do estágio para construção da identidade docente e qualificação da ação docente.....	p. 35
D) Ensino de Ciências e da formação e atuação de professores.....	p. 43
5. CONSIDERAÇÕES.....	p. 48
6. REFERÊNCIAS.....	p. 50
7. APÊNDICES.....	p. 53
8. ANEXO.....	p. 68

1. INTRODUÇÃO

Levando em conta a implantação Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) em 2010, no município de Realeza PR, que desencadeou um aumento de estagiários nas escolas de Educação Básica, em especial nas séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio nesta região devido aos cursos de formação de professores ofertados por ela nas áreas de Ciências: Biologia, Química e Física e na área de Letras e Espanhol, fez com que me questionasse sobre minha compreensão e a compreensão dos colegas professores da Educação Básica em relação aos estagiários será que todos têm as mesmas preocupações? Quais os sentimentos destes em relação à atuação dos estagiários, como se sentem fazendo parte da formação de um futuro docente? Veem-se como integrantes e importantes no processo?

Os estágios curriculares supervisionados são importantes para a formação dos profissionais especialmente na área da educação. Através deles tem-se um contato inicial com a realidade escolar com olhar voltado para o ser docente, essa vivência também influencia na constituição e construção da identidade docente. Nesse sentido, ouvir e estar atento às contribuições dos professores supervisores de estágio das escolas sobre a formação dos novos docentes se torna relevante no sentido de pensar e refletir sobre os cursos de formação, sobre a formação inicial e como essa etapa pode influenciar na formação continuada dos supervisores.

O estágio não é uma atividade solitária, pois envolve vários sujeitos como o orientador da Universidade, supervisor de estágio da escola concedente, colegas da turma do estagiário, alunos e equipe pedagógica escolar. Todos tem sua parcela de contribuição na formação do novo docente.

Ao vivenciar os estágios, durante o curso de graduação em Ciências Naturais – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) foi possível compreender a importância desses momentos para minha constituição como professora percebendo que teoria e prática andam juntas e são necessárias no ser e fazer cotidiano ao atuar em sala de aula. Além de contribuir para a formação da identidade docente, que é construída ao longo da formação sendo continuamente aprimorada, já que, consciente de sermos seres inacabados precisamos estar em constante formação.

Durante a realização do estágio em Ciências Naturais senti certa insegurança ao adentrar a sala de aula de um professor “desconhecido”. Sentia-me como se estivesse atrapalhando a aula do professor. Isto foi diminuindo ao longo da realização do mesmo

e com as conversas e orientações com o professor orientador e com a professora supervisora do estágio na escola.

Tive a oportunidade de vivenciar os dois lados, de estagiária durante a realização dos estágios enquanto licencianda dos cursos de Licenciatura em Ciências Naturais, Pedagogia e Química, e supervisora enquanto professora de Ciências das séries finais do Ensino Fundamental. Atualmente recebo estagiários em minha sala de aula, enquanto professora contratada pelo processo seletivo do Paraná (PSS). Ao recebê-los pela primeira vez, senti-me um pouco desconfortável, não em relação ao meu trabalho, pois este já estava sendo desenvolvido, mas em relação aos discentes. Pensava em alternativas de como colaborar para que eles se sentissem bem e como contribuir em sua formação.

A experiência e a vivência nos estágios me fez refletir sobre o papel do supervisor de estágio em relação ao docente em formação. Como supervisora, me preocupo em contribuir para que a experiência e prática dos estagiários ocorra visando o diálogo e a construção da aprendizagem de forma coletiva. Por isso, ao receber os estagiários tento mostrar-me aberta para dialogar e receptiva em relação às sugestões apresentadas contribuindo sempre que possível, sugerindo atividades, planejando junto com eles. Acredito que é compartilhando experiências que podemos crescer tanto pessoal quanto profissionalmente, construindo a identidade docente. Essa experiência me instigou a pesquisar e conhecer a visão dos colegas professores da Educação Básica em relação aos estagiários e processo de estágio.

Nesse sentido, a importância de estudarmos a percepção dos professores de Ciências quanto ao recebimento de alunos estagiários no cotidiano escolar, justifica-se pela necessidade de um processo de reflexão sobre a ação tanto dos professores quanto dos estagiários, bem como a sua atuação enquanto membros da comunidade escolar. Justifica-se ainda pela intencionalidade de ajudar as escolas e Universidade a pensar e rever sua função social e formativa, atuando na reorganização de uma prática pedagógica específica, auxiliando e possibilitando reflexões aos futuros profissionais da área.

Assim, busco conhecer quais as compreensões dos professores de Ciências das escolas de Educação Básica, anos finais do Ensino Fundamental do município de Realeza PR, sobre a prática dos estágios dos cursos de licenciatura relacionadas às Ciências da Universidade Federal da Fronteira Sul e suas contribuições para a formação de professores.

Os objetivos da referida pesquisa foram: 1) compreender quais são os componentes didático-metodológicos que formam a ação dos professores supervisores da Escola e dos acadêmicos, analisando os discursos dos professores da rede pública da educação básica do ensino fundamental; 2) conhecer práticas e estratégias sugeridas pelos supervisores, que permitam a qualificação da atuação docente em sala de aula; 3) construir reflexões que subsidiem o processo de formação inicial dos professores e contribuições dos estágios para a formação da identidade docente; 4) analisar os discursos dos supervisores de estágio da escola em relação a sua contribuição para a formação do novo docente; 5) identificar elementos que possam contribuir para o entendimento acerca da ideia de regência constituída durante a experiência do estágio.

A pesquisa parte das minhas inquietações e objetiva conhecer as contribuições e angústias dos supervisores em relação aos estagiários. Espero que essa problematização junto aos supervisores possa contribuir em sua prática de supervisionar os estagiários, e, desta forma contribuir na formação dos estagiários. Durante a pesquisa, observei em especial: a descrição da experiência durante o estágio; a vivência da relação teoria e prática; e, as reflexões e contribuições do professor supervisor do estágio, na escola.

Para aprofundar os conhecimentos em relação a temática e os objetivos propostos realizei leituras para a construção de referencial teórico, que também auxiliaram na análise dos discursos dos supervisores e reflexões sobre as categorias emergentes da pesquisa.

2. DIÁLOGOS TEÓRICOS

Em tempos onde o professor vê sua profissão cada vez menos valorizada, acusado muitas vezes pelos fracassos educacionais e sendo exigido cada vez mais de seu saber, refletir sobre a formação do professor e formas de valorizá-la não se esgotam. Nesse sentido, a formação de professores para o Ensino de Ciências e seus desafios é estudo de autores como Carvalho e Gil-Pérez (2011), Güllich (2013), Silva e Bastos (2012), Delizoicov (2009), Santos (2012), dentre tantos outros, nessa ampla área de conhecimento.

Espera-se que o professor de Ciências seja dinâmico, criativo e que consiga levar o aluno ao conhecimento científico. Para isso precisa estar preparado e em constante formação. Carvalho e Gil-Pérez (2011) destacam que o professor precisa ter conhecimentos teóricos sobre a aprendizagem das Ciências além de saber preparar atividades que gerem efetiva aprendizagem e dirigir o trabalho dos alunos. Para esses

autores “o interesse em saber programar atividades de aprendizagem manifesta-se como uma das necessidades formativas básicas dos professores” (p.43).

Compreendo que são nos cursos de formação que o novo professor precisa ter esse aporte, essa iniciação para preparação de atividades que auxiliem o aluno no processo de ensino e aprendizagem, estes concebidos como pesquisa dirigida. Dessa forma, o papel do professor passa a ser de orientador que vai além de ministrar aulas e isso “introduz mudanças profundas no papel do professor e novas exigências formativas” (CARVALHO e GIL-PÉREZ, 2011, p. 52).

Nessa perspectiva, considera-se que o conhecimento se constrói como um processo, e a aprendizagem acontece através das relações com o outro pela partilha de experiências e das relações sociais (VIGOTSKY, 2009), assim destaco a importância do bom relacionamento entre os estagiários e supervisores para que este aprendizado ocorra e contribua para sua formação.

Portanto, o estágio é um dos requisitos necessários à formação docente, podendo-se até dizer o mais importante, dos cursos de licenciatura por permitir a vivência da realidade escolar. De acordo com a Resolução do CNE/CP nº 1 de 2006, teoria e prática devem estar sempre juntas, articulando-se, como parte integrante do processo de formação do professor.

Cabe aqui refletir então o que seria teoria? e o que seria prática? Para Candau (1996) esses são termos de origem grega e “Teoria significava originalmente a viagem de uma missão festiva aos lugares do sacrifício. Daí o sentido de teoria como observar, contemplar, refletir” (p.50) em relação à palavra prática, é derivada de “práxis”, praxeos” e tem o sentido de agir, o fato de agir e, principalmente, a ação inter-humana consciente” (CANDAU, 1996, p. 50). Assim, prática está ligada ao fazer docente sendo que este é baseado em reflexões de autores e metodologias utilizadas, portanto a luz da teoria.

Para Pimenta e Lima (2004) o estágio “não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade”, pois “é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá” (p.45). Por isso, teoria e prática estão juntas, não devendo haver dicotomia entre elas. Ao vivenciar o estágio o novo professor além de estar imerso na realidade escolar que auxilia na construção de sua identidade docente, também pode refletir sobre seu fazer docente, sua forma de agir, com base nas teorias que estuda diálogos com autores, com o próximo e as vivências partilhadas.

Para propiciar essa reflexão mais ampla e que o estágio se torne momento de efetiva aprendizagem, a Resolução CNE N°02/2002 estabelece que o Estágio Supervisionado para os cursos de formação de professores deve ser de quatrocentas horas. De acordo com a lei N° 11.788 de 25 de setembro de 2008 que regulamenta os estágios, em seu Art. 1º

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

No artigo 3º, desse mesmo documento, ao regulamentar sobre a supervisão do estágio que deve ser acompanhada “§1º pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente, comprovado por vistos nos relatórios referidos no inciso IV do caput do art. 7º desta Lei e por menção de aprovação final”. Assim, reforçando a ideia de que o estágio é atividade coletiva onde os envolvidos no processo participam de forma efetiva da formação do novo docente.

Ainda no regulamento encontra-se no capítulo III a incumbência relacionada à parte concedente do estágio onde trata no inciso III que é de sua responsabilidade “indicar funcionário de seu quadro de pessoal, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário, para orientar e supervisionar até 10 (dez) estagiários simultaneamente”. Seguindo essa orientação, ocorre então o contato com a equipe pedagógica da escola que vai realizar o encaminhamento do estagiário ao supervisor.

A UFFS regulamenta os estágios através da resolução n° 7/CONSUNI CGRAD/UFFS/2015 do qual organiza o funcionamento dos Estágios Obrigatórios e Não-Obrigatórios em conformidade com a Lei n° 11.788, de 25 de setembro de 2008. Discorre sobre a concepção de estágio no capítulo I Art. 3º

O Estágio na UFFS é concebido como um tempo-espaco de formação teórico-prática orientada e supervisionada, que mobiliza um conjunto de saberes acadêmicos e profissionais para observar, analisar e interpretar práticas institucionais e profissionais e/ou para propor intervenções, cujo desenvolvimento se traduz numa oportunidade de reflexão acadêmica, profissional e social, de iniciação à pesquisa, de reconhecimento do campo de atuação profissional e de redimensionamento dos projetos de formação.

Nesse sentido, tendo em vista as pesquisas na área e a legislação que normatiza os estágios, considera-se que o momento de formação relacionado ao estágio é muito importante para o docente em formação, “configura-se como espaço propício para a

produção dos diversos saberes necessários à profissão docente no mundo atual, onde os sujeitos devem ser capazes de contextualizar, planejar e gerir a sua ação pedagógica” (ARAÚJO, p.2, 2010), trata-se de um período de conhecer e se integrar à realidade escolar. Nessa perspectiva, o estágio consiste em uma ocasião de efetivação do processo de ensino e aprendizado através da troca de experiências e vivências entre os professores, supervisor, orientador, e colegas, onde as práticas vivenciadas e compartilhadas ajudam a entender a realidade da escola e seu contexto.

Deste modo, o estágio apresenta-se como uma forma de pesquisa através do qual é possível investigar a prática docente evidenciada no educar pela pesquisa destacada por Galiazzi e Moraes (2002) e configura-se “como modo, espaço e tempo de qualificação dos cursos de formação de professores” (p. 237). Neste sentido, a pesquisa é importante para a prática profissional por favorecer o questionamento e busca de soluções para os problemas apresentados no cotidiano. Instiga a curiosidade do pesquisador podendo ser entendida como uma forma de questionar a realidade e por meio disso trabalhar no intuito de problematizar a realidade investigada “implica em assumir a investigação como expediente cotidiano na atividade docente” (GALIAZZI e MORAES, 2002, p. 238).

Nóvoa (2011) afirma que a formação de cada professor depende dele mesmo e outros fatores como as discussões e diálogos com os colegas durante o estágio e com o seu supervisor do estágio, pois, “Sem isso, a observação transforma-se em exercício mecânico, sem interesse” (p.5). O estágio deve continuar sendo o espaço dessas discussões, mas não o único, pois, como sabemos, se elas não fizerem parte da formação do professor, ele acabará reproduzindo o ensino, por vezes tradicional, que recebeu sem refletir sobre sua prática. Nesse sentido, Lima e Wirzbicki (2017) afirmam que

o estágio deve permear ações de análise crítica e questionamentos acerca da dinâmica do ambiente escolar, bem como a prática de ensino dentro da sala de aula de tal modo, que as atividades desenvolvidas possam proporcionar uma reflexão crítica da realidade escolar (p.2).

Corroborando Libâneo (2002), a reflexão não é a única salvação dos estágios supervisionados, ou da educação de modo geral, pois, o estágio envolve muitos outros aspectos de ordem, política e organizacional, tanto da escola quanto da universidade, como argumentam vários autores em suas pesquisas (PIMENTA e LIMA 2004; PIMENTA, 1995; SANTOS e LONARDONI, 2001), mas é um começo, uma vez que a reflexão é um primeiro passo para a mudança. Na compreensão de Kulcsar (1991):

[...] o Estágio Supervisionado deve ser considerado um instrumento fundamental no processo de formação do professor. Poderá auxiliar o aluno a compreender e enfrentar o mundo do trabalho e contribuir para a formação de sua consciência política e social, unindo a teoria e a prática. Mas para que isso ocorra, o Estágio não deve ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente, muitas vezes desvalorizado nas escolas onde os estagiários buscam espaço. Deve, sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades de abertura para mudanças (p. 64-65).

Deste modo, compreende-se o estágio como fundamental para a formação o qual deve ser valorizado, por tratar de um momento de conhecer e se integrar à realidade escolar permitindo a reflexão e (re) construção permanente de identidades. Portanto, não deve ser uma experiência mecânica e de simples observação. Carvalho (1999) afirma que:

[...] a observação deve ser crítica e construtiva para ser válida. Entretanto, precisamos especificar bem que o foco de nossa análise é o trabalho do estagiário e não o do professor. Alegoricamente, podemos dizer que queremos formar “artistas” e não críticos de arte, isto é, queremos formar professores ativos e não críticos do trabalho alheio (p. 103).

Assim, o período de estágio precisa fornecer elementos de reflexão que levem o estagiário a compreender a dinâmica escolar, como se organiza e conseguir pensar estratégias de intervenção na realidade que possam contribuir com o desenvolvimento pessoal e educacional. É preciso haver um intercâmbio de ideias onde os supervisores estejam presentes dialogando com o docente em formação, participando desse processo.

Nesse sentido, a escola parece não entender a sua corresponsabilidade no processo de formação inicial, permitindo muitas vezes que o professor regente de turma se ausente da escola durante seu horário de aula graças à presença do aluno estagiário, que está em processo de formação, construindo sua identidade profissional e precisando imensamente de acompanhamento e auxílio nessa fase da sua formação.

Nessa perspectiva o professor supervisor deve estar atento aos seus estagiários, saber que ensinar não consiste apenas em transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção atuando assim como facilitador da aprendizagem (FREIRE, 1987) auxiliando na construção do conhecimento esclarecendo dúvidas, relacionado o conteúdo ao cotidiano do aluno e adequando a uma linguagem própria que possibilite a compreensão e o torne significativo, pois “um conteúdo fora do contexto não faz sentido ou não produz significados” (MALDANER, 2014, p.37).

Tendo em vista que o supervisor, por estar em contato direto com a turma, possui maior conhecimento da realidade dos alunos, pode auxiliar o estagiário atuando como facilitador, orientador indicando caminhos e sugerindo atividades que possam contribuir para a sua formação.

Portanto, espero que os professores orientadores e os professores supervisores, acompanhados da comunidade escolar, também se sintam responsáveis pelo processo de formação e procurem fazer acontecer à interação entre Universidade e escola, para, assim, conseguir amenizar as lacunas na formação inicial. Levando em consideração o referencial encontrado na área, as angústias em relação a formação inicial, o papel dos supervisores e suas contribuições sob sua ótica, discorro na sequência sobre a metodologia e os caminhos percorridos na pesquisa.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Foram convidados a participar da pesquisa dez professores de Ciências das séries finais do ensino fundamental que atuam nas escolas do município de Realeza. O convite a sua participação se deve à sua inserção na escola de educação básica como professores de Ciências das séries finais do Ensino Fundamental da rede pública estadual. Sendo que a participação destes é importante, bem como, possam de fato, ser o reflexo das situações que envolvem o espaço escolar.

Para tanto, foi realizado contato com as escolas estaduais de Realeza, que atendem alunos das séries finais do Ensino Fundamental, verificando-se com a equipe pedagógica quais os professores de Ciências da escola e solicitando diálogo com os mesmos. A conversa, contato, se realizou na escola durante a hora atividade do professor. Foi exposta a proposta do projeto e objetivos da pesquisa convidando o professor a participar.

A metodologia utilizada foi descritiva priorizando-se a pesquisa qualitativa que não busca enumerar ou medir eventos e sim entender os fenômenos de acordo com os entendimentos e visão dos participantes, sendo “a aparelhagem instrumental nas pesquisas de índole qualitativa: a observação, a entrevista e a análise documental” (LUDKE *et al*, 1986, p. 45).

A escolha dos instrumentos de pesquisa selecionados para este trabalho foram a entrevista e narrativa e se devem ao fato de permitir uma interação entre pesquisado e pesquisador e, sobretudo um maior aprofundamento do tema em estudo. Conforme a definição de Marconi e Lakatos (2003):

Entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (p. 195).

Goldenberg (2003) destaca que entre as vantagens da entrevista é o fato de as pessoas serem mais motivadas a falar do que escrever. Assim também poderão narrar fatos de sua sala de aula os quais serão gravados e posteriormente transcritos e analisados. Ludke *et al*, abordam a entrevista como um instrumento vantajoso para coleta de dados pois “estabelece uma interação entre pesquisador e pesquisado, ao contrário de outros métodos (...) Na área educacional, se aconselha grande flexibilidade na elaboração do questionário” (LUDKE et al, 1986, p. 46).

Acerca da narrativa, pode-se considerar que a exposição de ideias e sentimentos através de narrativas escritas propicia mais liberdade de expressão. Para Warschauer (2004, p.5) as narrativas “favorecem uma tomada de consciência e uma grande possibilidade de tomar a própria vida nas mãos, tendo mais autoridade sobre ela e podendo exercer melhor sua autoria”, esta autora destaca ainda que “enquanto via de expressão da vida cotidiana explicita o movimento do vivido e permite desvelar os conflitos entre os fatores de alienação, presentes num cotidiano planejado, e aqueles que lhes fazem oposição” (WARSCHAUER, 2004, p.6) desta forma conclui-se que esta é sim uma ferramenta importante para análise e pesquisa.

Assim, para coleta de informações utilizou-se de entrevista semiestruturada (APÊNDICE A) que foi realizada com seis professores que atuam ou atuaram como supervisores da área de Ciências da rede estadual de ensino do município de Realeza-PR, estas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. E, narrativas (APÊNDICE B) dos professores supervisores sobre suas compreensões e experiências no estágio. Espaço em que os professores puderam expressar de forma livre suas concepções em relação aos estágios. As participantes da pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (ANEXO A).

Para o contato e entrevista foi utilizado um tempo de cerca de trinta minutos. Para a escrita da narrativa foi disponibilizado material e entregue a cada professor, estimando-se um tempo de duas semanas para que escrevessem e na sequência foi passado na escola para recolher e realizar a análise, como nem todos haviam finalizado foi estipulado novo prazo. No entanto, das narrativas obtive retorno de apenas três, as demais justificaram que não conseguiram finalizar.

Os dados transcritos das entrevistas e das narrativas compuseram o *corpus* de análise da pesquisa com base na Análise Textual Discursiva (ATD) que trata de “uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso” (MORAES e GALIAZZI, 2006, p.118). A ATD constitui-se de três etapas principais: a unitarização, a categorização e a comunicação. Considerando-se que esta permite uma investigação mais profunda das informações para compreender o tema de forma qualitativa. Para Moraes (2003) “A análise qualitativa opera com significados construídos a partir de um conjunto de textos. Os materiais textuais constituem significantes a que o analista precisa atribuir sentidos e significados” (p. 192) desta maneira é possível construir compreensões e argumentos baseados em teorias que orientam o pesquisador durante o processo da pesquisa e levantamento dos resultados.

Para melhor compreensão do trabalho, dei atenção especial a alguns aspectos nas entrevistas e narrativas: como se dá o processo de aceitação e recepção de estagiários nas escolas, as orientações que os estagiários costumam receber dos professores supervisores para a realização do estágio, percepções dos professores supervisores da escola em relação à prática dos estágios, suas contribuições em relação aos professores em formação.

Aos participantes da pesquisa foram dados nomes fictícios que não possuem nenhuma relação com seus nomes reais. Para a escolha desses nomes foi realizada uma busca rápida na internet por nomes de professores que deixaram seu nome na história de alguma forma. Os participantes serão referidos então como: professora Emília, professora Maria, professora Débora, professora Rachel, professora Marie, e, professora Rosa. Na análise, ao se referir as entrevistas será identificado com “E” e tratando-se da narrativa “N”, por exemplo: a professora Emília_E refere-se a seu depoimento em alguma das questões da entrevista; a professora Maria_N a algum recorte de sua narrativa.

A pesquisa foi desenvolvida após a submissão e aprovação da mesma junto ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP/UFFS). Como retorno aos supervisores participantes da pesquisa pretende-se, após a defesa do trabalho à banca, convidá-los para uma roda de conversa para a socialização dos resultados da pesquisa.

4. REFLEXÕES ACERCA DOS “CAMINHOS PERCORRIDOS” NA PESQUISA

O curso de Pós Graduação em Ciências tem a proposta do Educar pela Pesquisa e durante as aulas foi estudado e refletido sobre o livro “Educar pela Pesquisa: Ambiente de formação de professores de Ciências” (GALIAZZI, 2003). Com a leitura do mesmo reitero que a pesquisa é um processo de aprendizados e questionamentos, através do qual é possível reconstruir o conhecimento.

Neste sentido, “fazer pesquisa significa também reconstruir processos e produtos específicos da sala de aula, sendo exemplos de atitudes de pesquisa no professor o refazer a proposta pedagógica...” (GALIAZZI, 2014, p. 86). Com isso, a proposta de pesquisa deste trabalho segue esta proposição, pois ao dialogar sobre o estágio e o papel do supervisor é possível repensar sua prática apresentando elementos que permitam refletir sobre o mesmo.

Assim, após a elaboração do projeto e aprovação pelo CEP iniciei os contatos com a equipe pedagógica das escolas de Educação Básica do município de Realeza para agendar os horários para entrevista com os professores de Ciências que atuam nessas escolas. Também houve uma conversa com os professores para saber da disponibilidade e qual seria o melhor horário para realizar a pesquisa.

Na sequência iniciei as entrevistas explicando sobre a pesquisa e a importância da participação dos mesmos. Dos professores abordados, dois não haviam atuado como supervisores de estagiários da UFFS, sendo assim retirados da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com seis professoras, sendo cinco concursadas e uma contratada pelo Processo Seletivo Simplificado do Paraná (PSS), e estas terão dados apresentados e analisados neste trabalho. Após a entrevista foi solicitado as participantes que escrevessem uma narrativa sobre sua experiência de supervisora, das quais obtive retorno de três que também irão compor a análise.

Na primeira parte da entrevista foi realizada uma sondagem sobre a formação e atuação dos professores supervisores e com base nestes dados foi possível esboçar a tabela 1 sobre o perfil dos mesmos:

Emília	Possui formação em Ciências Biológicas atua há dez anos e durante o período da pesquisa estava trabalhando com turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Já atendeu estagiários da UFFS do curso de Ciências Biológicas.
--------	--

Maria	Formada em Ciências Biológicas, atua há vinte e três anos no ensino. Atualmente trabalhando com turmas do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Já atuou como supervisora da UFFS com estagiários de Ciências Biológicas que primeiro estagiaram em Ciências depois no Ensino Médio em Biologia.
Débora	Formada em Matemática, Biologia e Pedagogia, atua há trinta anos no ensino e durante a pesquisa estava trabalhando com turmas de 6º e 8º ano do Ensino Fundamental. Atuou como supervisora de estagiários da UFFS dos cursos de Biologia e Química.
Rachel	Formada em Ciências Biológicas, atuando há vinte e sete anos, trabalha com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Atuou como supervisora de estagiários da UFFS dos cursos de Ciências Biológicas e Química que realizaram estágio em Ciências.
Marie	Formada em Ciências Biológicas, atua há catorze anos e durante o período da pesquisa estava trabalhando com turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Já atendeu estagiários da UFFS dos cursos de Ciências Biológicas, Química e Física.
Rosa	Formada em Ciências do primeiro Grau com habilitação em Biologia, atua há vinte e cinco anos, trabalha com turmas do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e Ensino Técnico. Já atuou como supervisora de estagiários dos cursos de Física, Química e Ciências Biológicas da UFFS. Atendendo estagiários que fazem estágio em Ciências e os que fazem em Biologia.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa.

O que chamou minha atenção foi em relação a formação dos professores que trabalham com a disciplina de Ciências no Ensino Fundamental que são em sua maioria do curso de Ciências Biológicas sendo que apenas uma possui formação em Ciências

para o Ensino Fundamental. Maldaner *et al* (2008) discorrem sobre a formação dos professores de Ciências do Ensino Fundamental, destacando a diminuição dos cursos de formação nesta área como um dos fatores para que esta disciplina seja assumida especialmente por licenciandos em Ciências Biológicas, entre outros habilitados:

Na prática, o maior número de professores desse componente é composto por professores licenciados nas Ciências Biológicas, por estes profissionais se identificarem mais com a ênfase dada à Biologia nas propostas curriculares para a Educação Fundamental (MALDANER, SANDRI, NONENMACHER, 2008, p.2).

De posse das entrevistas e narrativas transcritas iniciei a primeira etapa da análise através da ATD, que de acordo com Moraes e Galiazzi (2006, p.118) transita entre a análise de conteúdo de discurso e refletem a realidade investigada. Na primeira etapa realizei a fragmentação/unitarização, ou seja, a desmontagem das entrevistas (APÊNDICE C) e narrativas (APÊNDICE D). Essa etapa de unitarização originou oito unidades de significado: 1) Relação universidade escola; 2) Relação supervisor/estagiário; 3) Papel do supervisor; 4) Contribuições do Supervisor; 5) Contribuições do estágio; 6) Estágio: formação e identidade docente; e, 7) Qualificação da atuação docente em sala de aula; 8) Ensino de Ciências e formação do professor de Ciências. Essas unidades de significado permitiram identificar e propor três categorias a priori da pesquisa: A) Relação Universidade escola sob o olhar do supervisor, que abrange a unidade 1; B) O papel do supervisor nos estágios, que abrangem as unidades: 2, 3 e 4; e, C) Contribuição do estágio para construção da identidade docente e qualificação da ação docente, que abrange as unidades 5, 6 e 7. A quarta categoria foi identificada como emergente da pesquisa: D) Desafios do Ensino de Ciências e da Formação de Professores, que abrange a unidade de significado 8. Sobre essas categorias será discorrido na sequência do trabalho apresentando as reflexões e análises sobre cada uma delas.

A) Relação universidade escola sob olhar do Supervisor

Pensando no contexto de uma cidade relativamente pequena, a chegada da UFFS trouxe consigo uma mudança na rotina tanto da cidade, quanto das escolas devido aos cursos de licenciatura ofertados. Com isso houve um aumento da demanda, entre elas a presença de acadêmicos e docentes nas escolas de Educação Básica realizando atividades diferenciadas.

A relação entre a escola e Universidade se dá para além dos estágios, visto que a UFFS oferece diversos projetos que propiciam essa interação, bem como as próprias

pesquisas de TCC, projetos de extensão, cursos de formação, eventos entre outros. Além destes, outros programas de âmbito federal também são oferecidos pela UFFS. Entre eles podemos citar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) que apresenta como um de seus objetivos inserir os licenciandos na rede de educação básica articulando a educação superior com as escolas estaduais e municipais incentivando a carreira do magistério.

Recentemente, outro programa em desenvolvimento é o Residência Pedagógica (2018) que tem como um dos seus objetivos “induzir o aperfeiçoamento do estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura” (CAPES, 2018) com a imersão do licenciando na escola de educação básica realizando atividades de regência e intervenção pedagógica acompanhados por um professor da escola e orientadores da Universidade.

Considerando que durante a realização do estágio muitos são os envolvidos, pois trata-se de um coletivo, neles podemos citar o orientador de estágio que é o professor responsável da Universidade, o Supervisor de estágio que é o professor que irá acompanhar o estagiário na escola, o estagiário, os colegas de turma do estagiário, os alunos e equipe pedagógica escolar. Todos de alguma forma contribuem nesse momento. “Esse espaço abriga uma teia de relações entre alunos e professores da universidade e alunos e professores da escola recebedora do estágio” (LIMA, 2012). Então, manter a ética e o bom entrosamento são necessários já que estes não serão os únicos que irão passar pela escola participando de sua rotina como estagiários ou em outras atividades/vínculos.

Assim, ao analisar esta categoria apresento algumas considerações que acredito ser importantes para que se mantenha uma boa e necessária relação entre a Universidade e a escola, também relevantes no processo de formação inicial dos professores para que este ocorra da melhor maneira possível. Para isso, ouvir os supervisores e suas indicações torna-se importante no sentido de contribuir com reflexões e atentar para sugestões por eles apresentadas, pois entendo e defendo nesta pesquisa que os supervisores também atuam como formadores dos novos docentes.

Ao questionar as Supervisoras Débora e Rosa sobre a relação entre a Universidade e a Escola destacam que esta possui uma boa interação onde “*ambos os lados ganham com essa troca*” (Débora_E), neste sentido, Rosa_E destaca ainda que a relação é

excelente porque a escola abrindo as portas para universidade traz os conhecimentos dos professores universitários, o que a universidade tem para oferecer que é um pensamento diferente da escola de educação básica que tá as vezes meio que desatualizada em algumas coisas. Então eu vejo que eles parecem que tem ideias novas, diferentes das ideias que nós temos.

Com base no que apresentam estas supervisoras é possível afirmar que as duas instituições se beneficiam desta relação como afirma Pimenta e Lima (2010) “Os professores que recebem os estagiários têm a possibilidade de entrar em contato com inovações e atividades diferenciadas, aprender com os projetos aplicados, ser estimulados a melhorar suas práticas e a trocar experiências” (p. 210). E para os novos docentes, a vivência do estágio permite pensar estratégias para atuação em sala de aula já que terá experiência com um supervisor que orienta sua prática.

Portanto, ter uma boa relação com as escolas apresenta-se de suma importância para a formação dos novos professores que precisam desse contato com a realidade escolar para conhecer e desenvolver os conhecimentos adquiridos na Universidade aperfeiçoando-os ao compartilhar as experiências. Nóvoa (2009) afirma a necessidade de que os professores atuem como formadores de professores sendo que esta não deve ser relegada só aos “especialistas” em educação “Por isso, insisto na necessidade de devolver a formação de professores aos professores, porque o reforço de processos de formação baseadas na investigação só faz sentido se eles forem construídos dentro da profissão” (p. 37).

Concordo com Nóvoa e reafirmo a importância do supervisor na formação dos novos docentes contribuindo com seu trabalho para a formação da identidade docente e experiência na vivência escolar. Rachel_E afirma que contribui “*com as trocas de experiência e principalmente com a vivência*” para a formação dos estagiários auxiliando-os principalmente na questão disciplinar “*o estagiário ele tem conhecimento do conteúdo, ele vem com conhecimento em metodologias, mas ele tem muita dificuldade em envolver os alunos e a gente faz isso, a gente trabalha com isso junto com o estagiário, como colaborador*” (Rachel_E).

Desta forma, o acompanhamento e auxílio do supervisor durante a realização do estágio é necessário, considerando que para alguns estagiários fazer com que os alunos participem das atividades realizadas é um desafio, pois alguns compreendem este como um momento livre principalmente de avaliação não levando a sério o que está sendo apresentado. Para evitar que isso comprometa a realização das atividades é preciso estar bem preparado e ter sempre alternativas a seguir, por isso conversar com o supervisor e

obter informações e conhecer a turma torna-se fundamental antes da elaboração do planejamento.

A sala de aula é dinâmica assim como a profissão docente e por se tratar de pessoas somos todos diferentes, há diversidade de pensamentos e formas de ser, assim, ao vivenciar a sala de aula, estar imerso na escola muitas são as reflexões sobre ela e o futuro profissional, que vem à tona. Ter uma experiência negativa pode influenciar para que o estagiário mude seu pensamento, buscando até mesmo outra formação, ou não. Rosal_E coloca-se sobre isso “*tem estagiários que não querem mais, que a partir do estágio decidem que não querem ser professores*”, levando em conta esta afirmação, o estágio pode ser considerado um “divisor de águas”, através do qual o estagiário decide se irá continuar ou não naquela formação, ou se realmente deseja atuar como professor em sala de aula.

Outro fator que influencia na tomada de decisão sobre a formação são as dificuldades enfrentadas pelas escolas e professores como as que são destacadas pela professora Maria:

As dificuldades que nossas escolas enfrentam hoje, a grande quantidade de alunos, a questão social que tá ali dentro da sala de aula, que a gente tem que resolver, então muitas vezes o conteúdo fica secundário em relação a certas coisas. Então essa eu acho que é a dificuldade a gente aprende o conteúdo muito bem, muito bonito, como tem que ser, o que tem que trabalhar em cada turma, beleza. Aí a gente chega na escola e a realidade não é assim tão bonita (Maria_E).

Ainda neste sentido uma das supervisoras coloca que “*quando eles vêm para a realidade de uma turma com quarenta alunos, de alunos inclusos, de alunos com problemas a realidade é outra*” (Rosa_E) estes e outros fatores encontrados pelos estagiários podem influenciar na sua experiência formativa. Quando o professor precisa trabalhar com turmas que tem uma grande quantidade de alunos o trabalho é muito mais árduo e exigente. Esta é uma realidade não só de nossa região, Monteiro e Silva (2015) em estudo realizado em uma escola de Fortaleza no Ceará também destacam a grande quantidade de alunos por turma “Foi constatado nas visitas durante o estágio supervisionado, que havia um grande número de alunos por sala de aula, cerca de 30 a 35 alunos por turma” (p.22).

Ao refletir sobre estas colocações das supervisoras me recordo de uma frase que se ouviu tanto na graduação quanto na escola “na prática a teoria é outra” Pimenta (2012) ao abordar o estágio na formação de professores apresenta dados dos anseios de futuros professores ao se deparar com a realidade escolar durante o estágio. Destaca que

o cerne dessa afirmação popular aplicada a formação de professores está a constatação de que o curso nem fundamenta teoricamente a atuação da futura professora, nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática (PIMENTA, 2012, p. 62).

Mas, ao considerar o período de estágio que é proporcionado por alguns cursos de formação, em que na maioria dos cursos não ultrapassa vinte horas de regência, é um período curto e restrito para influenciar um futuro profissional como afirma Rosa “*o curto período de tempo do estágio, ele é muito pequeno para definir o futuro desse profissional então eu vejo isso como um ponto negativo*”. Assim é preciso ter uma boa mediação do orientador e supervisor para que a reflexão sobre o futuro do novo docente seja exaurida antes de tomar uma decisão.

Para os cursos de licenciatura a quantidade mínima de horas de acordo com a Resolução CNE N°02/2002 é de “400 horas de Prática Curricular e 400 horas de Estágio Supervisionado para os cursos de formação de educador”. Na UFFS o regulamento de estágio deixa claro em seu artigo 18 “O Estágio Obrigatório constitui-se em componente integrante da matriz curricular dos projetos dos cursos de graduação da UFFS, com carga horária própria, cujo cumprimento é requisito para aprovação e obtenção do diploma”.

Desta forma, como já citado, os cursos oferecidos pela UFFS organizam seus Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) de forma a cumprir com a lei, mas cada um tem uma carga horária específica a ser cumprida. O curso de Ciências Biológicas, por exemplo, cumpre carga horária 420 (quatrocentas e vinte) horas de Estágio Curricular Supervisionado e o de Licenciatura em Química é de 405 (quatrocentas e cinco) horas. A supervisora Emília defende que o estágio deveria ser mais regência “*mais estágio em sala de aula porque eu acho que é pouco ainda, para falar bem a verdade*” (Emília_E) a Supervisora Marie também se coloca sobre a carga horária “*creio que o tempo de estágio de regência seja meio restrito*”. Analisando essas afirmações, é possível inferir que o aumento da regência em sala de aula, na visão das supervisoras pode contribuir na formação do novo docente.

Nesse sentido, fica claro o entendimento de alguns professores que o período de regência durante a formação é muito curto, porém para a Universidade uma das dificuldades encontradas para inserir o licenciando no campo de estágio é justamente esse: o tempo de regência. Alguns cursos propõe a regência por um trimestre e, em geral, as escolas acham períodos longos demais. Dessa forma cabe reflexão sobre esse tempo importante e imprescindível de formação onde o diálogo entre as partes se faz

necessário e leve-se em consideração o melhor para a formação do novo docente que logo estará atuando como profissional na escola.

Não podemos esquecer que cada curso de formação estabelece uma carga horária para o estágio obrigatório considerando a lei dos estágios promulgada em 2008 podem ser obrigatórios ou não. De acordo com o regulamento de estágios da UFFS Resolução nº 7-2015 “§1º Estágio Obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para integralização do curso e obtenção de diploma”.

O estágio não é o único momento onde se estabelece a relação entre a Universidade e a escola. Outro momento citado por uma das supervisoras é a abertura que a Universidade oferece são os laboratórios para a realização de atividades:

Eu particularmente amo a Universidade aqui porque a gente pode fazer um monte de coisa que a gente não fazia, levá-los lá, tem a experiência com os estágios, com o PIBID, então eu acho muito importante para quem está estudando e para os alunos, pra verem, ter alguma coisa diferente, para terem acesso, pra eles irem pra universidade, para saberem que não está tão distante da realidade deles. Então eu gosto muito” (Maria_E).

Esta abertura que a Universidade oferece é essencial para se manter uma boa relação com a comunidade escolar para interagir e contribuir com a escola suprindo algumas necessidades como a falta de laboratórios que algumas escolas enfrentam. O diálogo com a escola é indispensável já que as duas entidades se beneficiam e precisam uma da outra.

Os supervisores, por estarem atuando na formação dos estagiários, tem uma visão diferenciada e destacam alguns fatos que podem ser discutidos e repensados na proposta do estágio como a necessidade dos orientadores estarem mais presentes durante a realização do estágio acompanhando os mesmos na escola.

Acho que a Universidade tinha que estar mais presente, mais junto com as escolas e com o supervisor [...] tinha que acompanhar mais o estagiário [...] tinha que ter um contato maior, o supervisor tinha que vir mais vezes, o supervisor de estágio da Universidade tinha que acompanhar mais diretamente na escola não ficar tão distante, tinha que estar mais direto na escola na execução deste estágio (Rachel_E).

Percebe-se um anseio das supervisoras por esse acompanhamento mais próximo do orientador, porém, também é preciso considerar que existem vários elementos que muitas vezes impossibilitam esse acompanhamento. Entre eles está a disponibilidade de transporte, a quantidade de estagiários realizando a atividade no mesmo período, a distância entre as escolas já que nem todos realizam no mesmo município. Também é preciso ressaltar que a escola deve assumir seu papel de formadora e atuar nesse

processo, assim, o supervisor tem papel fundamental acompanhando o estagiário e estabelecendo as mediações e intervenções necessárias para seu desenvolvimento profissional. Mas a colocação das supervisoras é válida no sentido de refletir sobre o assunto e tentar encontrar um ponto de equilíbrio que favoreça os dois lados.

Nas entrevistas é destacado ainda sobre algumas dificuldades identificadas pelas supervisoras em relação ao estágio realizado em Ciências pelos discentes dos cursos de Química e Física. Isso merece atenção e reflexão para que os responsáveis pela formação nesses cursos possam pensar sobre e talvez reformular a proposta de execução dos mesmos. “*Eu vi muita dificuldade no pessoal da Química e da Física estagiando em Ciências, eles têm dificuldades com o conteúdo de Ciências (...) é necessário que eles se preparem mais*” (Rosa_E). Ao abordar este ponto a supervisora traz à tona uma longa discussão presente nestes cursos sobre a atuação desses licenciandos como professores de Ciências, que aqui no PR inclusive, o governo não tem admitido licenciados em Física e Química, talvez esse já seja um fator de resistência à formação da área. Maldaner *et al* (2008) sobre ensino de Ciências destacam que “as licenciaturas da área têm uma função social importante a cumprir: qualificar o professor para o ensinar e o aprender das Ciências” (p.2)

Portanto, mesmo que não seja a formação específica em Ciências, o professor que trabalha esta disciplina precisa ter compromisso com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos e para isso é necessária uma boa preparação. Vale ressaltar também, que é preciso investir num processo coletivo e dialógico entre os cursos no intuito de compreender realmente a grande área da Educação em Ciências.

Nesse sentido, Maldaner *et al* (2008) apresentam informações sobre uma investigação realizada em relação a formação de professores de Ciências Naturais dos cursos de Ciências Biológicas e Química da Unijuí, que tem como um dos objetivos qualificá-los no processo de ensino e aprendizagem de Ciências Naturais e assim possam produzir mudanças nas escolas em que atuam ou atuaram (MALDANER *et al*, 2008, p.7). Os autores destacam ainda algumas metodologias adotadas nestes cursos de licenciatura tendo a “pesquisa educacional como princípio e como prática” (p.8) para contribuir na formação dos professores.

Seguindo esta linha de compreensão a supervisora Rachel_E destaca que ao identificar problemas na execução do estágio entra em contato com o orientador “*a gente entrou em contato com o pessoal da UFFS. Porque não estava dando certo, a gente entrou em contato, aí o professor supervisor da UFFS entrou em contato*

conosco” e é neste sentido que reafirmam a importância da presença dos mesmos acompanhando os estagiários durante sua realização. Para além da presença nas escolas, ter um vínculo de diálogo permanente entre orientador, supervisor e licenciando possibilita que situações relativas à formação sejam resolvidas e aproveitadas como aprendizado para todos envolvidos.

Mesmo com o acompanhamento do orientador, o que vai garantir o bom andamento do planejamento e realização das atividades do estágio é a preparação do estagiário. De acordo com Rosa “*o estagiário ele tem que estar bem preparado, não adianta, porque a realidade de sala de aula é bem diferente e se ele não dominar o conteúdo ele não domina a turma, isso é fato*” (Rosa_E). Entendo que esse domínio que a supervisora se refere está relacionado ao que Aquino (1999) defende “para encaminhar seus alunos para a compreensão de um determinado conhecimento, torna-se necessário que o professor domine tanto o fenômeno quanto o modo como o processo de conhecer” (p.140). Assim, com respeito mútuo a aprendizagem é favorecida, pois não haverá disputa de poder sendo que são vários os conteúdos presentes em uma sala de aula que vão para além dos específicos, como os atitudinais, procedimentais, éticos, culturais, dentre outros que também são relevantes no processo.

Apesar das dificuldades apresentadas, as supervisoras entendem o estágio como um momento importante para a formação e de compartilhar experiências como destacado pela supervisora Maria

É uma satisfação poder participar dessa etapa, onde jovens profissionais estão tendo os primeiros contatos com as escolas, estudantes, comunidade e outros profissionais envolvidos na educação, podendo compartilhar com eles alguns anos da minha experiência, acompanhá-los, direcioná-los e aprender também, nas suas observações, intervenções e docência (Maria_N).

Compreendendo o estágio como compartilhamento de experiências, questioneie as supervisoras se os estagiários realizam algum retorno do período de estágio realizado, como apresentando seus relatórios, dados e resultados, algumas afirmam não ter recebido nenhum, “*Não, não tive nenhum retorno*” (Emília_E), “*Não, nunca recebi*” (Rosa_E). Outras, porém afirmam que alguns retornaram apresentando os resultados “*De alguns sim de outros não. Eles retornam mostrando seu trabalho durante os estágios*” (Débora_E).

Em relação a isso, cabe ressaltar que no âmbito dos cursos de licenciatura da UFFS todos os anos acontecem o evento: Rodas Formativas de Estágios, que neste ano estaria na sua quinta edição e é aberto ao público. Esse evento reúne todos os estagiários

que enviam seus relatos e socializam em rodas de conversa, as discussões dessas rodas são sistematizadas e socializadas com as demais rodas do evento.

Acrescento aqui minha experiência enquanto supervisora onde como as entrevistadas também recebi retorno de apenas alguns estagiários. Posso citar exemplo de uma estagiária do curso de Licenciatura em Física a qual estava sempre na escola me acompanhando durante a hora atividade e assim pude dialogar mais com ela e planejar junto às atividades que seriam desenvolvidas. Ao finalizar o estágio ela me convidou para participar da apresentação de seu relatório e também me encaminhou o mesmo via e-mail.

No mesmo período no ano de 2016, acompanhei duas estagiárias de Ciências Biológicas, as quais foram somente uma vez na escola conversar comigo antes do estágio para saber qual seria o conteúdo a trabalhar. Expliquei a elas que dependia do planejamento e do período que seria realizado, assim acordamos o tema e elas só retornaram no dia que iniciaram o estágio. Nesse caso, além de problemas de planejamento e comprometimento, ao findar o período de estágio, não tive mais contato com elas e não recebi retorno.

No ano de 2017 também acompanhei outros estagiários e nesse período não obtive retorno, nem mesmo o convite para o evento dos estágios, o qual participei por estar inserida na Universidade devido estar cursando Licenciatura em Química e assim estar a par das datas. Ressalto então que talvez ainda não tenha ficado claro a todos os supervisores a existência deste evento, cabendo qualificar a comunicação, de forma a direcionar o convite para os mesmos já que sua participação e contribuição são importantes para que também possam contribuir apresentando suas percepções e análises.

A análise desta categoria permitiu ter um panorama de algumas das percepções dos professores e contribuições em relação ao componente de estágio, especialmente quando da inserção dos estagiários na escola, onde se faz necessário pensar e repensar sobre ele rotineiramente. A cada nova turma que passa pelo componente é possibilitada novas contribuições e aprendizados.

Fica claro aqui o anseio dos supervisores para que os orientadores possam acompanhar mais os estagiários e que estes se preparem bem para a realização do estágio. Pois ao adentrar a sala de aula são muitos os desafios encontrados com realidades e vivências diferenciados. Isso, não deve ser empecilho para a realização do mesmo, mas contribuir para a formação dos novos docentes. Em defesa desses

argumentos, organiza-se a segunda categoria onde são analisadas as relações entre supervisor/estagiário, o papel e as contribuições do supervisor de estágio.

B) O papel do supervisor nos estágios

O estágio é uma atividade coletiva e dessa forma manter uma boa relação entre os participantes é fundamental para que o mesmo seja realizado de maneira tranquila visando a colaboração, aprendizagem e formação. Entendo que quando há um bom entrosamento entre supervisor e estagiário favorecendo o diálogo, a realização do planejamento é potencializada, bem como a troca de experiências. O supervisor tem muito a contribuir com o estagiário e saber ouvi-lo é fundamental.

As supervisoras afirmaram na entrevista que sempre buscam ter uma boa relação com os acadêmicos que realizam estágios nas turmas em que são regentes. Débora_E afirma “*Sempre tenho uma relação de companheirismo mútuo, isto faz que o trabalho seja feito com mais carinho e dedicação*”. Emília_E confirma “*eu sempre tento ajudar e manter um bom relacionamento entre os dois (...) eles só vieram pra ajudar, no diálogo, na conversa, foi ótimo*” e a supervisora Marie destaca que mantêm uma relação de “*Reciprocidade*” com os estagiários.

Essa relação de ‘reciprocidade’ contribui na formação do novo docente que pode ressignificar os conhecimentos adquiridos na graduação pela observação, experiência e saberes do supervisor. “Esses saberes permitem aos alunos estagiários a reflexividade da ação docente e das práticas escolares, por meio do diálogo com e na realidade profissional” (PIMENTEL, PONTUSCHKA, 2011, p. 71).

O aprender com o outro e nas relações é destacado pela supervisora Débora_E “*a vida é uma constante troca um aprende com o outro, isso traz crescimento para mim como professora. Aprendo muito com meus estagiários*”. Paulo Freire (1987) já destacava sobre esse aprendizado mútuo ao afirmar que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p. 39). Sempre temos algo a aprender nas relações e que podem contribuir com a construção da nossa experiência.

Enquanto supervisora esta era uma das minhas inquietações: como contribuir com a formação do novo docente? Sempre disposta a dialogar com eles tentava colaborar com os mesmos tanto no planejamento quanto na execução das atividades; Porém, sempre dando espaço para que assumissem o processo, dando-lhes autonomia na realização das atividades de estágio.

Rosa_E também demonstra essa preocupação com a autonomia dos estagiários “*você tem que dar autonomia para fazer, então a nossa função acho que é essa, dizer o conteúdo que a gente está trabalhando orientar, mas deixar com autonomia para resolver a situação*”. Em relação a essa autonomia Freire (1996) destaca: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (p.59). Respeitando as formas de pensar e ser do outro, através do diálogo é que iremos construir uma boa formação, nos constituindo como seres inacabados que somos. Através da experiência e compartilhando saberes com o novo docente construímos/aperfeiçoamos nossa identidade profissional docente.

Nesse sentido, a supervisora Rachel coloca que:

A gente viveu numa escola bastante tradicional então a gente sabe que a escola hoje, as inovações que os estagiários trazem auxiliam muito a gente e a gente busca também tornar diferente as nossas aulas, então essa troca é muito gostosa só vem acrescentar muito para gente como professora, como supervisor (Rachel_E).

Portanto, assumir-se como formador e aprendiz é um grande passo. A supervisora Marie confirma que assume esse processo “*de forma tranquila, é um momento de passar segurança e firmeza para quem irá conduzir a sala de aula*” (Marie_E). Acredito que essa confiança e tranquilidade permitem que o estagiário também se sinta tranquilo e confiante para enfrentar os desafios, pois,

A educação grita desesperadamente à procura de pessoas comprometidas com seu caminhar e pessoas que se admiram desse processo, que admiram a vida, que admiram o próprio processo de educar, pessoas acima de tudo competentes, coerentes, perseverantes, que acreditam nos sujeitos, nas mudanças, enfim, na educação (ROJAS, SOUZA E CINTRA, 2008, p. 31).

Com base no exposto, o supervisor tem papel essencial para instigar os novos docentes a se inserirem no espaço educacional de forma comprometida e responsável, que tenham como meta a melhoria do ensino e da aprendizagem. Não basta ter boas intenções é preciso fazer acontecer. Ao estagiar, o discente tem a oportunidade de “desenvolver e exercitar as habilidades de descrição, compreensão e interpretação dos fenômenos sociais que envolvem o ensino, com objetivo de melhor entender a profissão” (SILVA e URBANETZ, 2012, p.99). A colaboração dos supervisores é tão necessária quanto à dos orientadores que mediam as interações durante o período de estágio.

Assim, questionei as participantes sobre seu papel como supervisoras e a maioria destacou que uma das funções é de orientar. Sobre esse aspecto Maria coloca que: “*Coordenar, orientar, [...], auxiliar, dar o norte, orientar como fazer, mas não*

interferir, porque tem que ter essa autonomia de lidar com a turma” (Maria_E). Esse entendimento de orientar está em conformidade com o regulamento de estágio da UFFS que no artigo 44 trata sobre a supervisão na Unidade Concedente de Estágio (UCE) sendo uma das atribuições do supervisor “IV - orientar e supervisionar as atividades de estágio, nos termos da Lei”.

A supervisora Rachel também destaca o seu papel “*Tem que ser o grande orientador, tem que ver a questão do tempo a aplicação das atividades, a questão do conteúdo se está dentro da série, adequado a série, apropriado as atividades para o número de alunos tudo isso*” (Rachel_E). Nesse entendimento o supervisor deveria auxiliar também no planejamento das atividades. Isto, também, está colocado no regulamento Inciso I “colaborar na elaboração do Plano de Atividades de Estágio”.

Ainda no mesmo regulamento inciso III destaca-se que cabe ao supervisor “assegurar, no âmbito da UCE, as condições de trabalho para o bom desempenho das atividades formativas dos estagiários” de encontro com o que é exposto no regulamento Rosa_E destaca que o papel do supervisor é “*Orientar, tem que mostrar o plano de trabalho, tem que acolher esse estagiário fazer com que ele se sinta seguro, fazer com que os alunos respeitem*”.

O supervisor ao acolher o estagiário está contribuindo para que este sinta-se imerso na escola, espaço onde o discente vivencia a teoria e prática juntas. Conhecendo a realidade pode intervir nela, refletindo e investigando sua própria prática e saberes visando uma formação integral. Neste sentido, Rachel_E sente-se responsável por este novo docente “*a gente é o grande responsável para que este profissional esteja na sala de aula daqui a pouco atuando como professor*” e assume seu papel de formadora contribuindo no processo.

Porém, não são somente os supervisores e orientadores os responsáveis pela formação do novo professor, são muitos os envolvidos nessa formação, principalmente, o próprio discente. Desde que se assuma como ser inacabado que precisa da participação do outro para se constituir, aceitando e buscando essa constituição/formação de maneira comprometida.

Assim, compreende-se que o estágio oportuniza “o aprofundamento científico e a vivência de práticas profissionais fundamentadas em atitude crítica e criativa diante da realidade em transformação” (SILVA, URBANETZ, 2012, p. 140). Ou seja, os supervisores fazem parte desse contexto e contribuem para que o estagiário possa ter essa atitude “crítica e criativa” tão necessária no ensino.

O período de estágio é importante, porém nem todos os saberes são adquiridos neste tempo que é curto ao pensar a diversidade de saberes, experiências e desafios encontrados na escola além de que a docência é uma profissão dinâmica e complexa. Portanto, estar atento à diversidade escolar nos instiga a buscar aperfeiçoamento e formação permanente que auxilie a viver a profissão docente de forma a contribuir com o processo de ensino e aprendizagem, bem como colaborar com o trabalho das inúmeras problemáticas sociais que muitas vezes cabe a escola resolver.

O supervisor por ter essa vivência consegue identificar possíveis lacunas e sugerir alternativas que contribuem com o estagiário. Nesse sentido, Rosa_E afirma

eu sempre procuro conversar para se prepararem, para sempre preparar um slide, tenha preparado a fala, a aula expositiva, por quê? Porque a TV pode não funcionar. Preparou um vídeo? Tenha preparado outra coisa, sempre duas metodologias e sempre sabendo o conteúdo.

Para alguns discentes o momento de estágio gera muitas expectativas e até certo nervosismo de estar enfrentando uma sala de aula com um público diferenciado e ativo. Por isso, o alerta da supervisora vem a contribuir na preparação destes, em ter sempre um ‘plano B’ pois cada turma tem uma dinâmica diferente e com isso as atividades são desenvolvidas de diferentes formas.

Esta supervisora alerta ainda em relação ao saber o conteúdo, que o estagiário precisa estar preparado ao assumir a sala de aula “*se ele não dominar o conteúdo ele não domina a turma. Então eu sempre procuro conversar para se prepararem [...] Sempre tem que ter domínio do conteúdo*” (Rosa_E). Nesse sentido, Nóvoa (2009) discorre sobre alguns apontamentos que caracterizam o trabalho docente destacando cinco aspectos importantes na formação sendo que o primeiro deles é relacionado ao conhecimento

Aligeiro as palavras do filósofo francês Alain: *Dizem-me que, para instruir, é necessário conhecer aqueles que se instruem. Talvez. Mas bem mais importante é, sem dúvida, conhecer bem aquilo que se ensina* (1986,p.55). Alain tinha razão. O trabalho do professor consiste na construção de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem [...] ninguém pensa no vazio, mas antes na aquisição e na compreensão do conhecimento (NÓVOA, 2009, p. 30). Grifos do autor.

Com base na fala da supervisora e no que Nóvoa destaca para o trabalho docente, o mais importante é saber o conteúdo a ser trabalhado. Tais saberes podem ser relacionados a bagagem que cada indivíduo já possui de conhecimentos, podem ser explorados e problematizados no sentido de favorecer uma aprendizagem mais significativa.

Sobre a formação pessoal, Maria_E também se posiciona: *“É que às vezes você planeja uma coisa maravilhosa e você não consegue fazer nada daquilo, que você tem que ter uma segunda, uma terceira carta na manga para conseguir trabalhar, e isso a universidade não ensina”*. É nesse sentido que as supervisoras destacam a importância de estar bem preparado ao adentrar a sala de aula, é preciso estar ciente da diversidade de saberes presente nela para conseguir desenvolver um bom trabalho que proporcione aprendizado coletivo.

Considerando essa dinâmica diferenciada dos alunos onde alguns são mais rápidos, ativos na realização das atividades, outros demoram um pouco mais é preciso considerar o tempo e espaço de cada um estando preparado para lidar com isso. Weinstein e Novodvorsky (2015) destacam a *“característica das salas de aula e o rápido ritmo em que as coisas acontecem. Os eventos na sala de aula ocorrem com um imediatismo que torna impossível pensar em cada ação com antecedência”* (p.2). Desta forma, ter um bom planejamento com atividades diversificadas irá ajudar os estagiários para que eles não terminem no meio da aula e o professor em formação inicial não saiba como agir.

Para Maria_N *“o contato com a realidade concretiza pressupostos teóricos e faz tomar forma as discussões acadêmicas, assim o estagiário pode obter subsídios para investigar, analisar e intervir na sua realidade profissional, melhorando sua prática pedagógica”* nesse sentido, Araújo, Bianchi e Boff (2013) argumentam que:

As interlocuções realizadas nos estágios Supervisionados propiciam a constituição de um espaço e tempo importante tanto para a formação inicial, em que os licenciandos vivenciam pela primeira vez a prática de sala de aula, quanto para os professores de educação básica, que experienciam outros modos de pensar o ensino ao receberem os estagiários para discutirem a proposta curricular a ser elaborada e desenvolvida (p.41-42).

A contribuição do estágio é tanto para o estagiário, quanto para o supervisor, para orientador e demais licenciandos como um todo que podem utilizar as experiências dos demais para pensar e melhorar sua prática. A fala de Rachel_E confirma essa compreensão ao colocar que *“nós deveríamos estar mais presentes na Universidade e a Universidade mais presente na escola. Nós deveríamos ter mais trabalho unificado, não só no estágio, mas nas práticas pedagógicas. A gente estuda pouco junto, nós precisamos voltar a estudar juntos”*. Havendo essa aproximação, pode-se favorecer o diálogo entre as partes e isso pode promover reflexões sobre a relação entre universidade e escola unindo as mesmas num coletivo de aprendizagens. Corroborando com isso, Damiani (2008) destaca que *“o trabalho colaborativo entre professores*

apresenta potencial para enriquecer sua maneira de pensar, agir e resolver problemas, criando possibilidades de sucesso à difícil tarefa pedagógica” (p.218). Os programas, projetos e eventos da Universidade vêm contribuir nesse processo de aproximação coletiva.

Com base no exposto até aqui é possível afirmar que as contribuições dos supervisores vão para além da supervisão em sala de aula e o acompanhamento dos licenciandos durante o estágio, apresentam em suas falas componentes didáticos metodológicos que podem ser utilizados tanto no planejamento das atividades do estágio quanto no próprio componente de estágio na Universidade. Neste sentido, Tardif (2014) ao abordar sobre os saberes docentes destaca que:

Os professores são sujeitos do conhecimento e possuem saberes específicos ao seu ofício (...) seu trabalho cotidiano, não é somente um lugar de aplicação de saberes produzidos por outros, mas também um espaço de produção, de transformação e de mobilização de saberes que lhe são próprios (p.237).

O autor ainda afirma que, é preciso reconhecer o professor como colaborador das pesquisas e não um objeto de pesquisa, pois se é “realmente um sujeito do conhecimento e um produtor de saberes, é preciso então reconhecê-lo como tal e dar-lhe um espaço nos dispositivos de pesquisa” (TARDIF, 2014, p.238). Assim considerar a prática dos supervisores dando-lhes vez e voz é de suma importância para a formação tanto profissional quanto pessoal do licenciando. Adotar uma postura reflexiva sobre o próprio fazer e ser docente refletindo sobre a própria prática contribui na produção do conhecimento para uma educação de qualidade, social e humana.

Tendo a clareza da importância das contribuições do supervisor de estágio na formação docente tanto com seu trabalho quanto sua experiência e vivência, analiso na sequência as unidades de significado que abrangem contribuições do estágio: formação e identidade docente e qualificação da atuação docente em sala de aula reunidas na próxima categoria, com olhar voltado para a qualificação da ação docente.

C) Contribuição do estágio para construção da identidade docente e qualificação da ação docente

O estágio é componente obrigatório na formação do professor sendo que ao vivenciá-lo o docente em formação percebe o campo de atuação podendo ter um novo olhar sobre o mesmo e utilizar como reflexão e investigação. Tendo essa atitude investigativa poderá se tornar um professor pesquisador que reflete sobre sua atuação e prática visando sempre a melhoria de sua formação e ensino aprendizagem.

Nesse sentido, Marie_E coloca que o estágio “*É algo fundamental para formação inicial desses futuros docentes, pois é com os erros que irão melhorar a cada dia sua prática futura em sala de aula*” ou seja, o estágio torna-se uma ligação entre os saberes construídos durante a vida acadêmica com a vivência escolar através do qual pode aperfeiçoar estes saberes para quando atuar profissionalmente.

Para a supervisora Maria_N

O estágio é muito importante para a formação do profissional. O contato com a realidade concretiza pressupostos teóricos e faz tomar forma as discussões acadêmicas, assim o estagiário pode obter subsídios para investigar, analisar e intervir na sua realidade profissional, melhorando sua prática pedagógica.

O que destaca essa supervisora vem ao encontro do conceito de práxis defendido por Pimenta e Lima (2004), essas autoras afirmam que ser professor demanda “conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas presentes nos contextos escolares e não escolares” (p.15).

Débora_E destaca que “*O professor aprende e se desenvolve profissionalmente a partir do momento em que ele compartilha uma relação positiva entre sua formação e a instituição*” apesar de saber que existem dificuldades ressalta que estas devem ser superadas. Assim, acredito que ao compartilhar os saberes tanto estagiário quanto supervisor vão se constituindo como ser e professor, construindo a identidade docente a qual não fica pronta ao terminar a graduação, mas vai sendo formada, construída e reconstruída ao longo de toda vida pessoal e profissional.

Para Marcelo (2009)

É preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto (p.112).

Portanto, a identidade não é algo pronto e acabado, é resultado das relações e interlocuções que identificam e formam o professor. Por meio desse compartilhamento de experiências um contribui com o outro na formação, como coloca a supervisora Rachel_E “*acredito que na formação do professor, o estagiário possa contribuir sim e muito porque esse intercâmbio, essa troca de informações é muito importante*”. Assim, da mesma forma que as supervisoras contribuem na formação do novo docente, é

consenso entre as entrevistadas que esses também contribuem em sua formação como supervisoras.

As supervisoras Emília e Maria também destacam as contribuições dos estagiários *“Eu acho que para nós como supervisoras, traz ideias novas sempre está trazendo coisas novas”* (Emília_E). *“Os estagiários vêm sempre com alguma informação nova, trazem ideias novas que estão dentro da faculdade agora, então estão lá aprendendo coisas diferentes do que a gente aprendeu (...) acho que contribuem muito”* (Maria_E). Refletindo sobre as colocações das supervisoras fica claro o processo de aprendizagem mútuo, onde um colabora com o outro construindo o conhecimento. Nesse sentido, Sarti (2009) destaca que *“os professores em exercício são chamados a desempenhar o papel de iniciadores de uma nova geração docente, algo que lhes possibilita vivenciar novas aprendizagens, ao mesmo tempo que sentimentos de valorização de seus saberes e práticas profissionais”* (p.134).

Para a supervisora Rachel_E, a convivência com os estagiários possibilita ainda *“Reavaliar a prática pedagógica do próprio professor como supervisor, (...) a gente tem um olhar diferenciado para a prática pedagógica”*. Ao, reavaliar sua prática está ao mesmo tempo refletindo sobre ela percebendo o que é preciso mudar, melhorar ou aperfeiçoar visando à qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Assim, *“a prática pedagógica reflexiva é caracterizada pelo vínculo indissolúvel entre teoria e prática, desaparecendo todas as decorrentes dicotomias; apresenta um elevado grau de atividade consciente, é inquieta, intuitiva e criadora”* (CARVALHO, 2006, p.14) leva o docente a analisar e perceber possíveis problemas, buscando coletivamente a solução para os mesmos.

O estágio é muitas vezes encarado como momento de pôr em prática a teoria aprendida na Universidade. A supervisora Maria_E coloca sobre a teoria e prática apontando esta como uma das dificuldades enfrentadas pelos estagiários ao adentrar a sala de aula *“Então a teoria é uma coisa e a prática às vezes é muito diferente da teoria, então essa é eu acho que é a dificuldade”*, ao se referir a isso a supervisora traz a tona uma das discussões sobre a dicotomia entre teoria e prática. Porém, o que devemos salientar e levar em consideração é que as duas devem andar juntas já que a ação docente é ao mesmo tempo teoria e prática. De acordo com Pimenta e Lima:

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (2004, p. 43).

A prática docente deve estar vinculada a teoria para que o conhecimento seja efetivado considerando as particularidades presentes na sala de aula já que cada aluno apresenta uma realidade diferente. É preciso considerar também o contexto na qual está inserida para que as contribuições sejam melhores e permanentes. Portanto, “a prática não é apenas locus da aplicação de um conhecimento científico e pedagógico, mas espaço de criação e reflexão, em que novos conhecimentos são, constantemente, gerados e modificados” (PEREIRA, 1999, p. 113).

Na visão da supervisora Rachel_E o estágio “*contribui com a escola, porque o estagiário ele traz muitas coisas novas muita informação*”. Nesse sentido, Rosa_E também afirma que “*contribui muito, porque a gente fica observando as técnicas, as metodologias que eles usam o jeito de lidar com os alunos, sempre aprende alguma coisa*”. Somos seres em constante formação e aprendemos a cada dia algo novo principalmente com as relações que estabelecemos com o outro. Pensando o campo escolar com professores comprometidos que buscam sempre aperfeiçoar sua prática, a convivência com os estagiários é um momento rico em aprendizagens especialmente o fazer pedagógico contribuindo para a formação continuada do professor.

Acredito que o professor preocupado com os processos de ensino e aprendizagem não se acomoda e está sempre buscando formação e se questionando sobre sua formação tornando-se então pesquisador na busca da melhoria do ensino e de si próprios.

No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 1996, p. 32).

Ter a consciência da necessidade de formação é um grande passo que deve ser assumido com responsabilidade. Esse interesse e reconhecimento da necessidade de mais cursos para contribuir na formação é destacado por Emília_E “*eu acho que os professores de ciências deveriam ter mais cursos*” refere-se aos cursos de formação em especial aos cursos ofertados pela Secretaria Estadual de Educação do Estado (SEED) do Paraná. Os cursos são intervenções que podem contribuir na formação desde que ajudem na reflexão sobre a prática e identidade docente, pois “A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática” (FREIRE, 1991, p. 58). Tudo depende do quanto estou disposto a realizar, investigar e buscar nessa formação.

Tendo essa atitude investigativa o professor pode se tornar um pesquisador para isso é preciso que vá além da reflexão como destacam Lüdke e Cruz (2005):

“Todavia, reflexão não é sinônimo de pesquisa e o professor que reflete sobre a sua prática pode produzir conhecimento sem, necessariamente, ser um pesquisador. Quando ele avança, indo ainda além da reflexão, do ato de debruçar-se outra vez para entender o fenômeno, encurta a distância que o separa do trabalho de pesquisar, que apresenta, entretanto, outras exigências, entre as quais a análise à luz da teoria (p. 90).

Ao adotar a postura de professor pesquisador o professor pode melhorar sua prática qualificando sua ação docente. Aleixo (2014) ao abordar sobre a qualificação afirma que ela “ocorre posteriormente à formação profissional. O professor, em suas inquietações, na busca de conhecimento, deve ver a qualificação profissional como um processo de contínua reorganização, reconstrução e transformação da prática docente” (p.24). Assim, toda a busca é válida para aprimoramento da prática profissional.

A experiência da supervisão de estágio pode contribuir nesse sentido, pois a prática do estagiário fornece elementos que podem ser utilizados em sala pelo próprio supervisor. Sobre isso, Maria_E relata “*já peguei atividades de estagiários que trabalharam comigo pra trabalhar com outras turmas de outras escolas*”. A supervisora Rachel_E também se coloca afirmando “*A gente viveu numa escola bastante tradicional então nós sabemos que a escola hoje, as inovações que os estagiários trazem auxiliam muito e a gente busca também tornar diferente as nossas aulas*”.

Em tempos onde os recursos tecnológicos estão mais acessíveis, disponíveis e podem ser utilizados como ferramentas para facilitar a comunicação, interação e desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem, o professor precisa se atualizar aproveitando esses recursos em sua sala de aula como forma de instigar os alunos à aprendizagem. São muitos os recursos disponíveis, porém, nem sempre os professores sabem como utilizá-los. Muitos estagiários possuem certo domínio destes recursos e podem auxiliar o professor em relação ao seu uso. Rosa_E destaca que os estagiários “*têm metodologias novas, tem muito domínio das mídias, é uma coisa que me impressiona bastante*”. Alguns professores acreditam que as tecnologias podem ser utilizadas para potencializar o interesse dos estudantes em aprender, não discordo, mas não devemos apostar somente nisso, é preciso ampliar nosso olhar e encontrar meios que instiguem os alunos a se interessar pelo o que é trabalhado em aula. Por exemplo, uma aula problematizada partindo do princípio do educar pela pesquisa também pode favorecer muito a aprendizagem e despertar o interesse dos alunos já que estarão buscando as informações e construindo a aprendizagem.

Assim, o período do estágio vem somar para todos os envolvidos de forma a melhorar o ensino como aponta Marie_N “*Essa e outras parcerias com a Universidade melhoram a qualidade de ensino em nossas escolas*”, pois de acordo com Araújo, Bianchi e Boff (2013) “um ensino de qualidade não pode apenas ter como base a transmissão de conhecimentos produzidos por outros, assim como não pode ocorrer um processo de formação sem articulação entre teoria e prática profissional” (p.34). Portanto, o intercâmbio e a parceria realizada entre a Universidade e a escola contemplam essa realidade articulando os saberes de forma coletiva visando à melhoria tanto da formação quanto do ensino. Para Marie_E a “*inserção na escola vai contribuindo para sua prática futura*”. Também, na visão de Maria_E

O estágio é fundamental porque se você não está dentro da realidade da escola, você não sabe como funciona, porque na faculdade a gente não aprende a trabalhar na escola, você aprende o conteúdo. Você aprende a trabalhar na escola dentro da escola, com o contato com os alunos.

Nesse sentido, o período de estágios “*compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional*” (PIMENTA E LIMA 2008, p. 43). Assim, reforço que os estágios buscam promover a compreensão de que a teoria e prática devem ser unificadas, contribuindo para a formação do professor.

Pensar o estágio não deve ser algo de última hora, é necessário uma preparação, planejamento e organização para sua realização. A supervisora Rachel_E se posiciona sobre isso afirmando que “*Tinha que ter uma organização bem antecipada, no início do ano, para o professor participar, o estagiário participar da elaboração do trabalho docente para saber o que ele vai fazer quando ele vem, para já estar preparado pra isso*”. Corroborando esta colocação, Araújo, Bianchi e Boff (2013) afirmam que:

Os acadêmicos da licenciatura devem vivenciar a atividade escolar na forma de prática docente, participando da elaboração de propostas pedagógicas na escola, proposição e cumprimento de planos de trabalho, seguidos de atividades, com zelo pela aprendizagem do aluno, participação nas etapas de planejamento, avaliação e reflexão do seu próprio desenvolvimento profissional bem como de seus alunos (p.35).

Acredito ser este um ponto muito importante o qual deve ser pensado e proposto formas de atendê-lo, pois isso pode facilitar o trabalho do estagiário já que estará imerso não só na sala de aula, mas participando do trabalho do professor como um todo. Através da prática docente, o estagiário terá uma visão ampliada desse trabalho podendo planejar com antecedência suas atividades preparando-se melhor para o período de

estágio. Nesse sentido, destaco a reformulação dos PPCs dos cursos de licenciatura ofertados pela UFFS que, seguindo as orientações da Resolução 02/2015 do CNE que versa sobre as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a formação de professores, propõe várias alterações nos PPCs, será ofertado um componente a mais de estágio, em todos os cursos: Estágio Curricular Supervisionado I: organização do trabalho escolar - 90h; com isso, a partir de 2019 o licenciando já estará inserido na escola a partir do segundo semestre, proporcionando assim uma aproximação mais cedo da vivência escolar e participação mais efetiva de sua organização.

Outra questão relevante que pode auxiliar na formação é levantada pela supervisora Rosa_E a qual coloca que *“Eu acho que o estágio deveria ser feito em todas as turmas não só em uma, (...) e outra coisa, em todos os turnos, porque nós temos diferentes públicos em diferentes turnos em nossas escolas”*. Essa colocação é importante no sentido do estagiário se familiarizar com diferentes públicos ao qual atuará quando professor. Em relação a essa diversidade presente na escola, Maria_E comenta que o estagiário precisa estar preparado não só sabendo o conteúdo mas que tenha conhecimento de didática para que possa lidar com o público variado que irá encontrar

Didática de como trabalhar o conteúdo de conhecer cada turma, de saber que uma turma você vai conseguir trabalhar de um jeito e com a outra você vai ter que trabalhar de outro totalmente diferente e acompanhar o nível deles que é totalmente divergente de um para o outro, é isso que é difícil (Maria_E).

É notório que cada turma apresenta uma realidade diferente e isso é percebido com mais intensidade nos turnos diferentes, principalmente quando se trabalha no período noturno onde as realidades da maioria dos alunos que frequentam aulas nesse período são de trabalho durante o dia. Com isso, compreender como trabalhar com essas turmas, as estratégias que podem ser utilizadas, a melhor metodologia adotada pode ser sugerida pelo supervisor, e é esse movimento participativo que faz com que o mesmo assuma ser formador de professores.

Levando em conta que alguns professores trabalham em mais de uma escola e com isso conhecem as dificuldades e desafios enfrentados por elas, também as estratégias adotadas que dão certo, estas podem ser utilizadas como base para pensar e utilizar nas outras escolas também. Nesse sentido, o conhecimento do professor se constrói *“tanto na própria experiência docente quanto nas trocas e intercâmbios vividos entre os professores”* (BRITO, 2006, p.51).

Assim, apesar de saber que não é fácil trabalhar em várias escolas, pois já vivenciei esta realidade de trabalhar em cinco diferentes em um mesmo ano letivo, a vivência nos contextos e realidades diferentes proporciona aprendizado, pois cada uma apresenta uma dinâmica para trabalhar com os alunos e cada professor possui estratégias próprias para enfrentar as dificuldades no ensino. Essa convivência é válida porque sempre se aprende algo com a experiência vivenciada e compartilhada. Alarcão (2011) aborda essa relação entre as pessoas ao falar sobre a escola que é feita por pessoas e estas interagem entre si, sem elas seria somente um prédio “as relações das pessoas entre si e de si próprias com o seu trabalho e com a sua escola são a pedra de toque para a vivência de um clima de escola em busca de uma educação melhor a cada dia” (p.20).

Ao refletir sobre a qualificação docente onde os professores precisam ser autônomos de suas ações e prática profissional, mas também aceitar as contribuições externas para efetivar o processo de ensino e aprendizagem, os estagiários podem contribuir na formação do professor através da sua participação e planejamento, trazendo outras ideias para que sejam trabalhadas e dialogadas.

Ainda nesse sentido, Tardif (2014) ressalta que a prática docente é constituída por saberes construídos em um processo dinâmico resultantes da realização de suas tarefas, nesse sentido “...o saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação, etc.” (p.64).

Rachel_E destaca que o supervisor como orientador poderia “*contribuir mais sugerindo os títulos, os tópicos para esses alunos, inclusive as datas que não tem tantos jogos no meio, que não tem festas no meio, comemoração para não interromper os estágios*”. Concordo com a supervisora em relação à sugestão dos tópicos que os estagiários irão trabalhar, pois a escola possui uma dinâmica e planejamento a qual tendo o conhecimento o estagiário pode se organizar melhor. Em relação às datas, acredito que não tem muito que fazer, pois é a realidade da escola e o estagiário enquanto professor vai vivenciar esses tempos e também precisa saber se adequar a eles, bem como aproveitá-los para a sua formação.

São muitas as contribuições, desafios enfrentados tanto por supervisores quanto estagiários ainda mais quando consideramos a desvalorização da profissão do professor. É preciso estar sempre se atualizando, buscando formação e apoio institucional. Muitas vezes o professor se vê sozinho numa luta pela busca da melhoria da qualidade do

ensino e a parceria com a Universidade pode dar novo ânimo na caminhada da educação, pois esta se preocupa com a qualidade do ensino e a formação de professores.

Algumas das dificuldades no ensino apresentadas pelas supervisoras são em relação ao desinteresse dos alunos em participar das aulas e atividades propostas “*A maior dificuldade nossa é de fazer com que nossos alunos tenham vontade de estudar, então o estagiário traz inovação, traz tecnologia, traz novidades e junto com o professor pode ser feito esse trabalho*” (Rachel_E). A parceria estabelecida entre supervisor e estagiário contribui tanto com o supervisor na preparação do seu plano de trabalho de forma a instigar os alunos a se interessar mais pela escola e aprendizagem quanto estagiário que adquire conhecimentos e experiências para sua própria prática. Para Almeida e Pimenta (2014):

Nos processos de formação docente, aprendemos entre o chão da escola e o da universidade, que as parcerias fortes com a escola são uma importante articulação que o estágio pode fomentar, especialmente quando a formação de professores ocorre na perspectiva de conformação entre os formadores universitários e os docentes de estabelecimentos que acolhem os estagiários (p.114).

Para finalizar esta categoria, sem esgotar as reflexões em relação à identidade docente e qualificação da ação docente já que estas não se findam, mas estão sendo construídas e reconstruídas continuamente em um processo de constante troca e compartilhamento de informações e conhecimentos, me apoio em Tardif (2014):

Defendo, portanto, a unidade da profissão docente do pré-escolar à universidade. Seremos reconhecidos socialmente como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando começarmos a reconhecer-nos uns aos outros como pessoas competentes, pares iguais que podem aprender uns com os outros. Diante de outro professor, seja ele do pré-escolar ou da universidade, nada tenho a mostrar ou a provar – mas posso aprender com ele como realizar melhor nosso ofício comum (p.244).

Considerando esse argumento e o que já foi discutido nas categorias, proponho reflexões sobre o ensino de Ciências e a formação do professor de Ciências sob a visão dos supervisores, os quais destacam aspectos positivos e até mesmo os limites e as dificuldades encontradas no contexto escolar.

D) Ensino de Ciências, formação e atuação de professores

O ensino de Ciências tem como objetivo segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) aproximar o indivíduo do conhecimento científico. Para isso é preciso haver comprometimento com a qualidade da educação para proporcionar aos alunos a busca do conhecimento.

Nesse sentido, a problematização e incentivo à pesquisa realizada durante as aulas podem ser um dos motivadores que fazem refletir e auxiliem a chegar ao conhecimento científico. Para tanto, o professor também precisa ser pesquisador mesmo sabendo que “a pesquisa não é o único caminho para o desenvolvimento profissional, mas é essencial para a construção da competência em qualquer prática profissional” (GALIAZZI, 2003, p.47).

De acordo com a autora, por meio da pesquisa o professor como formador, juntamente com o licenciando no processo de aprendizagem e formação, “desenvolve a capacidade de fazer perguntas; de procurar respostas; de construir argumentos críticos e coerentes; (...) desenvolve a capacidade investigativa, a autonomia e a criatividade” (GALIAZZI, 2003, p. 48).

Acredito ser este o caminho para proporcionar um ensino de qualidade visando à melhoria do processo de ensino e aprendizagem, instigando os alunos para que se comprometam com a construção de sua aprendizagem. Quando estão motivados irão buscar, questionar e também investigar; e, o professor torna-se mediador auxiliando nesse processo. Porém, “difícilmente um professor ou professora poderá orientar a aprendizagem de seus alunos como uma construção de conhecimentos científicos, isto é, como uma pesquisa, se ele próprio não possui a vivência de uma tarefa investigativa” (CARVALHO E GIL-PÉREZ, 2011, p.64).

Como já defendido ao longo dessa pesquisa, a formação do professor precisa ser permanente, de busca constante, sempre se atualizando considerando as mudanças enfrentadas no ensino. Dentre essas mudanças precisamos ter em mente que a tarefa de ensinar não é transmitir conhecimento, mas indicar caminhos e mediar a sua construção. Porém, existem muitas dificuldades a serem enfrentadas e superadas nesse processo. Entre elas estão à própria formação do professor de Ciências, a desvalorização da profissão professor, baixa remuneração, aumento da jornada de trabalho, falta de material pedagógico as dificuldades enfrentadas na escola como turmas superlotadas, “organização viciada do espaço escolar” o desinteresse por parte de alguns alunos entre outros (MARTINS, 2005, p. 55).

Durante a pesquisa realizada questionei as supervisoras sobre como veem a formação dos professores de Ciências oriundos dos cursos de licenciatura da UFFS e também as dificuldades e potencialidades enfrentadas pelos professores no sentido de construir reflexões sobre o processo de formação.

Em relação à formação inicial dos professores de Ciências a supervisora Emília_E destaca a necessidade de preparar os novos docentes para atuar em sala de aula, não só teoricamente mas também com atividades, materiais para utilizar. As supervisoras destacam de modo geral as inovações, o uso de diferentes materiais trazidos pelos estagiários como ponto positivo de sua formação, então acredito ser este o caminho a seguir, os estágios como processos formativos de constantes trocas de saberes e experiências. Emília_E comenta sobre sua própria formação “*não saí com uma bagagem forte para entrar em uma sala de aula de ciências, porque foi muito só matéria, matéria, matéria e nada assim...só de conteúdo específico*” então para ela esta seria uma das dificuldades enfrentadas.

Analisando esta fala da supervisora infiro que a mesma tem preocupação em relação às atividades a serem realizadas com os alunos, pois de acordo com ela em sua formação teve muita “matéria”, “conteúdo específico” e faltou a forma de como preparar atividades. Ter esse conhecimento e preparação facilita na hora do planejamento, pois o professor já terá um embasamento e assim poderá desenvolver suas próprias atividades e estratégias e que auxiliem em seu trabalho.

Ainda nesse sentido, Emília_E traz à tona outro fato que gerou muitas discussões entre os professores do Paraná e foi motivo de luta, junto a outras reivindicações, que é a questão da hora atividade “*como diminuiu a nossa hora atividade, deveria ter mais, porque Ciências pede bastante experiências e para isso, para fazer uma experiência em sala de aula ela toma muito tempo*”. O professor, não só de Ciências, precisa de tempo para preparar e planejar suas aulas. Considerando os professores de Ciências esse tempo é primordial para desenvolvimento de atividades práticas, entre elas a experimentação, pois necessita de tempo para que possa se preparar organizar material, laboratório quando disponível. O professor precisa pesquisar e adaptar as atividades de acordo com a turma para assim desenvolver a atividade em sala, problematizando para que gere questionamentos, reflexões e assim favoreçam a aprendizagem.

Nesse sentido, Martins (2005) afirma que não basta ao professor de Ciências o saber disciplinar ele precisa conhecer e buscar outros recursos para trabalhar estes saberes, valorizando o conhecimento do aluno para assim contextualizar o tema e proporcionar uma problematização que efetive a aprendizagem.

Levando isso em consideração, concordo com a supervisora Emília quando coloca a necessidade de manter a hora atividade para o planejamento da aula e das atividades a serem desenvolvidas. Tanto se cobra dos professores para que sejam

dinâmicos inovadores, que variem suas estratégias e metodologias, que é preciso desenvolver atividades que incluam os alunos, mas para que isso seja feito precisa-se de tempo para planejamento e preparação. Não é só fazer por fazer, a aula precisa ser bem organizada e gerar aprendizagem. Isso exige dedicação do professor, formação continuada e pesquisa:

não há como ensinar Ciência de forma desconexa da pesquisa e da necessária formação contínua do professor, na qual sua prática pedagógica deve ser sempre investigada e refletida, gerando pesquisas que possibilitem a produção de novos conhecimentos sobre o ensino de Ciências (RAZUCK e ROTTA 2014, p. 746).

Então fica o questionamento e a reflexão: Como o professor fará isso se não tiver tempo para desenvolver seu planejamento?

Em estudo realizado com base nas narrativas de estagiários do curso de Ciências Biológicas, Lima e Wirzbicki (2017) observaram que os licenciandos indicaram com maior ênfase algumas situações e entre elas “a diversidade que se faz presente em sala de aula no que se refere aos aspectos da religião, opção sexual, cultura, economia” (p.5). Como professores, devemos ter em mente a diversidade presente em sala de aula, a qual nos desafia diariamente a pensar e criar atividades que incluam os alunos instigando-os a participar das aulas e se interessar por elas efetivando a aprendizagem.

Assim, outro desafio enfrentado pelo professor é colocado por Maria_E quando comenta sobre “*a grande quantidade de alunos, a questão social que está ali dentro da sala de aula, que a gente tem que resolver [...] o próprio sistema de organização da escola, sistema de governo, favorece as dificuldades*”. Tudo isso está presente na realidade da escola e o professor precisa saber “lidar”. Candau e Lelis (2011) afirmam que “a ação do educador deverá se revelar como proposta às diferentes necessidades existentes na realidade educacional e social” (p. 69), porém entendo que nem sempre estamos preparados para tais situações, contudo precisamos estar abertos ao diálogo para coletivamente buscar soluções.

Ou seja, o professor precisa estar preparado não só para ministrar sua aula, mas também saber identificar os problemas e encaminhar para serem resolvidos em conjunto com a equipe pedagógica e muito dessa preparação não vem da Universidade. Ressalto então a importância da formação inicial, continuada e permanente do professor para que ao chegar à escola não se surpreenda negativamente com a realidade encontrada, e que os professores que lá estão possam contribuir com seus saberes na formação do novo docente somando saberes e conhecimentos com os da Universidade.

Considerando o exposto, o estágio vem contribuir com toda essa relação, experiência e vivência já salientadas. Os cursos de formação de professores objetivam preparar os novos docentes para sua atuação em sala de aula tanto com teoria, prática e subsídios para quando em sala possa planejar suas aulas, criar suas próprias estratégias e atividades que favoreçam tanto o trabalho do professor quanto a aprendizagem do aluno.

Desta forma, a supervisora Maria_E destaca sobre o curso de Ciências Biológicas da UFFS “*eu vejo assim que é bem puxado o curso de biologia [...], a universidade está formando profissionais de boa qualidade, então a gente torce para que esses que venham depois para substituir a gente na escola*”. Quando a supervisora coloca que o curso é “puxado” interpreto como sendo um curso que exige dedicação e estudo por parte do licenciando tendo assim uma boa formação, pois não pode se acomodar e precisa realmente estudar e se preparar. É este profissional bem preparado que a escola espera receber. Seixas *et al* destacam que:

é preciso pensar no professor de ciências como uma figura desafiada a usar conhecimento científico, tecnologias educacionais e estratégias didáticas inovadoras e criativas que, muitas vezes, não estiveram presentes na sua formação inicial, mas fazem parte da sua realidade escolar (SEIXAS; CALABRÓ; SOUSA, 2017, p. 294).

Exige-se do professor que seja inovador, que saiba utilizar recursos tecnológicos, mas nem sempre ele foi preparado para isso. Nesse sentido, os cursos de formação de professores da UFFS contemplam esta exigência em sua grande maioria, a própria disciplina de Didática, por exemplo, bem como outros componentes curriculares, voltados para metodologias, instrumentação e práticas de ensino, proporcionam trabalhar e criar atividades fazendo com que o novo professor estimule sua criatividade. Bem como cada curso oferece algumas especificidades formativas buscando uma formação na sua integralidade,

É nesse contexto que Marie_E reafirma a importância do estágio “*para o desenvolvimento de sua formação, pois estão em contato e conhecendo o regimento das escolas, proposta curricular, bem como observar os alunos, preparar aulas de acordo com os conteúdos trabalhados*”. A medida que o estagiário vivencia a realidade escolar vai qualificando sua ação e prática superando as possíveis falhas e as peculiaridades do contexto que a formação inicial não dá conta. Para isso, Carvalho e Gil-Perez (2011) apontam a pesquisa como sendo necessidade de primeira ordem na formação do professor onde “a atividade do professor e, por extensão, sua preparação, surgem como

tarefas de uma extraordinária complexidade e riqueza que exigem associar de forma indissolúvel docência e pesquisa” (p.64).

Ainda sobre a formação dos professores de Ciências oriundos da UFFS, duas das supervisoras fazem referência a mim como professora “*sei que você é muito dedicada, pelo que eu sei, se preocupa. Eu percebi, em trocas de ideias com você que você realmente sabe definir o que é melhor para o aluno*” (Rosa_E), “*Eu vejo que você trabalha muito bem, apesar de não trabalharmos juntas*”(Emília_E). Como professora de Ciências, sei de muitas dificuldades enfrentadas na profissão e da necessidade de estar sempre buscando formação e estar aberta ao diálogo e aprendizado.

E este foi um dos motivos pelo qual fui para a Universidade novamente realizar a Pós Graduação em Ciências Naturais e Sociedade que traz o olhar voltado para o Educar pela Pesquisa a qual contribuiu muito em minha contínua formação indicando caminhos e permitindo visualizar novas possibilidades para ampliar saberes e para qualificar minha atuação docente.

5. CONSIDERAÇÕES

Considero de grande relevância o tema abordado por tratar da formação de professores que se encontra em um contexto de desvalorização profissional, com este trabalho foi possível realizar um levantamento e análise acerca da formação inicial dos professores de Ciências baseado nas compreensões das supervisoras de estágio e suas contribuições para essa etapa de formação. Também realizei uma reflexão sobre o papel do supervisor através das suas percepções em relação aos estágios, considerando que eles também são formadores e participantes ativos do processo de formação dos novos docentes.

Quando refletimos sobre a profissão professor sempre surgem as dificuldades e desafios a serem enfrentados no seu dia a dia. Mas, não podemos focar nosso olhar somente nisso, é preciso ressaltar as potencialidades da profissão as quais são motivadoras para que possamos continuar na busca de nos aperfeiçoarmos como pessoa e professor, construindo a identidade docente e melhorando nossa prática pedagógica.

Como colocado pelos autores e reafirmado pelas supervisoras durante a pesquisa, o estágio é o momento de vivenciar a realidade escolar conhecendo sua dinâmica, organização e o contato com os alunos e a sala de aula, no qual muitos aprendizados são construídos. Considero que o estágio não é somente o momento de pôr

em prática a teoria aprendida na Universidade, até porque não consigo visualizar a prática sem a teoria que a fundamenta. Como irei ensinar sem aprender?

Portanto, ouvir as supervisoras de estágio, conhecer suas percepções e atentar para suas contribuições pode levar a uma reflexão sobre a formação inicial dos professores de Ciências dos três cursos de licenciatura da UFFS, apontando alguns caminhos que podem ser seguidos para efetivar o processo onde a aprendizagem ocorra de maneira coletiva como: a construção e manutenção da relação Universidade/escola, a necessidade da maior aproximação entre supervisor e orientador; discussão sobre a relação teoria e prática reconhecendo que as duas precisam andar juntas; as contribuições da relação supervisor estagiário para a identidade docente e qualificação da ação docente. Assim, reconhecer a importância da voz e do trabalho do supervisor é também uma forma de valorizar a profissão docente tão carente de perspectivas positivas nos últimos tempos, bem como, efetivar os processos de formação inicial e continuada numa relação muito próxima entre Universidade e escola.

Um ponto de destaque levantado pelas supervisoras em relação ao estágio é seu entendimento da necessidade de ampliação destes para uma efetiva formação. Nesse sentido, a Resolução do Conselho Nacional de Educação (Resolução 02/2015/CNE/CP) ressalta que os cursos de formação de professores deverão ter duração de no mínimo quatro anos e quatrocentas horas de estágio distribuídas ao longo do curso. Contemplado a legislação, a UFFS amplia a oferta dos estágios ao estabelecer a estrutura do Domínio Conexo como responsável por iniciar a inserção dos licenciandos nas escolas, entre os cursos de Licenciatura dos seus *campus*. No *campus* Realeza estabelece 90 horas para Estágio Curricular Supervisionado I que se refere a organização do trabalho escolar. Assim a Política de Formação de Professores da UFFS (Resolução 2/2017 CONSUNI/CGAE) visando a melhoria dessas passou por reformulação que será levada em conta a partir de 2019 acrescenta um estágio ao domínio conexo a ser realizado a partir da segunda metade do curso. Então, de certa forma todos os cursos de licenciatura da UFFS terão um aumento em sua carga horária de estágio, contemplando a sugestão das supervisoras.

6. REFERÊNCIAS:

- ALARCÃO, Izabel. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. - Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.
- ALEIXO, José Carlos da Costa. **Professores do 1º Segmento do Ensino Fundamental da Cidade de Nova Iguaçu: Aproximações entre Qualificação e Identidade**. Dissertação. Nova Iguaçu, RJ Fevereiro de 2014. Disponível em <http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/ppgeduc/files/2015/03/Dissertacao_Jose_Carlos_Al_eixo_20141.pdf> acesso em 01 de setembro de 2018.
- ALMEIDA, Maria Isabel., PIMENTA, Selma Garrido. **Estágios Supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos**. - São Paulo: Cortez, 2014
- AQUINO, Julio Groppa. (org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1999.
- ARAÚJO, Maria Cristina Pansera-de-.; BIANCHI, Vidica.; BOFF, Eva Teresinha de Oliveira. **Autoria na elaboração das propostas curriculares dos estágios supervisionados: a constituição do conhecimento de professor**. (p. 33 a 50). in: GÜILLICH. Roque Ismael da Costa. *Didática das Ciências*. Curitiba: Prismas, 2013.
- ARAÚJO, Raimundo Dutra de. **Formação docente: a produção de saberes no estágio supervisionado**. Disponível em <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_28_2010.pdf> acesso em 01 de setembro de 2018.
- BRASIL, **LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm> acesso em 22 de agosto de 2018.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica**. Conselho Nacional de Educação. 2015.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Naturais**. Brasília, 1998.
- BRITO, Antônia Edna. **Formar professores: discutindo o trabalho e os saberes docentes**. In: Mendes Sobrinho, José Augusto de Carvalho; Carvalho, Marlene Araújo de (Orgs.). *Formação de professores e práticas docentes: olhares contemporâneos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- CANDAU, Maria Vera (org). *Rumo a uma nova didática*. 8 ed. Vozes, 1996.
- CANDAU, Vera Maria.; LELIS, Isabel Alice. **A relação teoria-prática na formação do educador**. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Rumo a uma nova didática*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CAPES, Fundação. **Programa de Residência Pedagógica**. Disponível em <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>> acesso em 05 de setembro de 2018.
- CARVALHO, Anna Maria Pessoa de.; GIL-PÉREZ, Daniel. **Formação de professores de Ciências: tendências e inovações**. Coleção Questões da nossa época, v. 28. 10ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- CARVALHO, Marlene Araújo de. **A prática docente: subsídios para uma análise crítica**. In: MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho; CARVALHO, Marlene Araújo de (Org.). *Formação de professores e práticas docentes: olhares contemporâneos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 11- 30.
- CARVALHO, S. M. B. **Os egressos da UEPG e o ensino de História: a formação de professores**. In: ENCONTRO “PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA”, 3., 1999, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR; Aos Quatro Ventos, 1999.

CONSUNI. Conselho Universitário Câmara de Graduação e Assuntos Estudantis. Resolução nº 2/2017 – CONSUNI/CGAE. **Aprova a Política Institucional da UFFS para Formação Inicial e Continuada de Professores da Educação Básica.** 2017

DAMIANI, Magda Floriana. **Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios.** Educar, Curitiba, n. 31, p. 213-230, 2008. Editora UFPR. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a13.pdf>> acesso em 10 de setembro de 2018.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. R. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALIAZZI, Maria do Carmo. **Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de Ciências.** - Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GALIAZZI, Maria do Carmo. MORAES, Roque. **Educação pela pesquisa como modo, tempo e espaço de qualificação da formação de professores de ciências.** Ciência & Educação, v.8, n.2, p. 237-252, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GÜLLICH, Roque Ismael da Costa. **Didática das Ciências.** Curitiba: Prismas, 2013.

KULCSAR, Rosa. **O estágio supervisionado como atividade integradora.** In: PICONEZ, S. C. B. (Coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. São Paulo: Papirus, 1991. p. 63-74. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

LIBÂNEO, J. C. **Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro?** In PIMENTA, S. G. & GHEDIN, E. (orgs). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Bárbara Grace Tobaldini de.; WIRZBICKI, Sandra Maria. **Inquietações problematizadas pelo exercício do estágio supervisionado em Ciências.** XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.

LIMA, M. S. L. **O olhar de observação sobre a escola e suas relações: qual o sentido do estágio para o estagiário.** in: Estágio e aprendizagem da profissão docente. Brasília: Liber Livro, 2012. p 61- 83.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

LÜDKE, Menga.; CRUZ, Giseli Barreto Da. **Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa.** In. Cadernos de pesquisa. Departamento de Educação da PUC/RJ, vol.35 n.125. São Paulo, maio/ago. 2005. http://www2.fe.usp.br/~gpef/teses/grupo_01.pdf

MALDANER, Otavio Aloisio. **Formação de professores para um contexto de referência conhecido.** in: NERY, Belmayr Knopki.; MALDANER, Otávio Aloisio. Formação de professores: compreensões em novos programas e ações. - Ijuí: ed Unijuí, 2014.

MALDANER, Otavio Aloisio.; SANDRI, Vanessa.; NONENMACHER, Sandra Elisabet Bazana. **Licenciatura de Química articulada com a formação do professor de Ciências Naturais do Ensino Fundamental.** XIV Encontro Nacional de Ensino de Química (XIV ENEQ), 2008. Disponível em <<http://www.quimica.ufpr.br/eduquim/eneq2008/resumos/R0458-2.pdf>> acesso em 10 de setembro de 2018.

MARCELO, Carlos. Tradução: Cristina Antunes. **A identidade docente: constantes e desafios**. Form. Doc., Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009. 109. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 Ed. São Paulo: Atlas 2003

MARTINS, André Ferrer Pinto. **Ensino de Ciências: Desafios à formação de professores**. Revista Educação em Questão, v. 23, n. 9, p. 53-65, maio/ago. 2005 Brasil. 2005. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8342>> Acesso em: 01 outubro 2018.

MONTEIRO, Jéssica de Sousa.; SILVA, Diego Pereira da. **A influência da estrutura escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma análise baseada nas experiências do estágio supervisionado em Geografia**. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 19, n.3, set./dez. 2015 ISSN 2236-4994 .

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. Ciência & Educação, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces**. Ciência & Educação, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006

NÓVOA, António. **Professor se forma na escola**. Maio de 2011: Revista Nova Escola. Entrevista concedida a Paola Gentile.

NÓVOA, António. Professores: Imagens do futuro presente. EDUCA Lisboa | 2009

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente**. Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro/99. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a06v2068> acesso em 25 de novembro de 2018.

PIMENTA, S. G. LIMA, M. S. L. **Planejamento e Avaliação do Estágio**. In: _____ Estágio e Docência. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p 177-215.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** – 11.ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2004

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2008.

PIMENTEL, Carla Silvia.; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **O papel dos professores da educação básica na formação inicial de alunos da licenciatura em Geografia**. Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011. pp. 1-16.

RAZUCK, Renata Cardoso de Sá Ribeiro.; ROTTA, Jeane Cristina Gomes. **O curso de licenciatura em Ciências Naturais e a organização de seus estágios supervisionados**. Ciênc. educ. (Bauru) vol.20 no.3 Bauru July/Sept. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000300014>. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132014000300739> acesso em 10 de setembro de 2018.

RESOLUÇÃO. CNE/CP 1/2006. **Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11

RESOLUÇÃO. Nº 7/CONSUNI CGRAD/UFFS/2015 (ALTERADA). Disponível em <<https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/resolucao/consunicgrad/2015-0007>> acesso em 22 de agosto de 2018.

ROJAS, Jucimara; SOUZA, Regina Aparecida Marques de; CINTRA, Rosana Carla Gonçalves Gomes. **Dinâmica do trabalho e a organização do espaço na educação infantil**. Cuiabá: EdUFEMAT, 2008.

SANTOS, Maria do Carmo de Oliveira Turchiari.; LONARDONI, Marinês. **Prática de ensino de Língua Portuguesa e estágio supervisionado: questões a serem discutidas**. Acta Scientiarum, Maringá, 23(1):167-175, 2001. ISSN 1415-6814.

SARTI, F. M. **Parceria intergeracional e formação docente**. Educação em revista. Belo Horizonte, 25 (2), pp. 133-152, 2009.

SEIXAS, Rita Helena Moreira; CALABRÓ, Luciana; SOUSA, Diogo Onofre. **A Formação de professores e os desafios de ensinar Ciências**. Revista Thema 2017 Volume 14. Nº1. DOI <http://dx.doi.org/10.15536/thema.14.2017.289-303.413>

SILVA, Mônica Caetano Vieira da.; URBANETZ, Sandra Terezinha. **O estágio no curso de Pedagogia**. – Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série TCC e Estágio em Pedagogia, v.1)

SILVA, Vania Fernandes e.; BASTOS, Fernando. **Formação de Professores de Ciências: reflexões sobre a formação continuada**. ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.5, n.2, p.150-188, setembro 2012 ISSN 1982-153. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/37718/28892> acesso em 01 de outubro 2018

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a Formação**. Texto originalmente publicado com capítulo do livro Psicopedagogia: contribuições para a educação pós moderna (org. Beatriz Scoz et al.), Petrópolis: Vozes, pp. 13 - 23, 2004.

WEINSTEIN, Carol Simon; NOVODVORSKY, Ingrid. **Gestão da sala de aula: lições da pesquisa e da prática para trabalhar com adolescentes**. - 4ªed.- Porto Alegre: AMGH, 2015

7. APÊNDICE A

1. Entrevista:

Formação: _____

Área de atuação (séries/anos): _____

Tempo de atuação: _____

Já atuou como supervisor de estágio? _____

Já atuou como supervisor de estágio com acadêmicos da UFFS? Qual ou quais cursos?

1- Como você vê a relação Universidade e escola?

2- Em sua opinião, o estágio contribui para a formação e construção da identidade docente? Como?

3- Em que sentido os estágios podem contribuir para sua formação como professor (a) e supervisor (a)?

- 4- Como se estabelece a relação supervisor e estagiário? Como você se sente em relação a isto?
- 5- Para você, qual deve ser o papel do supervisor de estágio?
- 6- Você recebe retorno em relação ao período de estágio realizado contigo? Como isso ocorre?
- 7- Qual seu sentimento em relação a supervisão e aos estágios?
- 8- Como você assume o processo de formação do novo docente?
- 9- Quais as contribuições do seu trabalho para a formação do novo docente?
- 10- Em sua opinião, há algo que precise ser feito para melhorar/efetivar o processo de formação inicial dos professores de Ciências?
- 11- Como compreendes as potencialidades e dificuldades do processo de formação inicial de professores?
- 12- Como entendes o processo de formação de professores de Ciências oriundos dos cursos de licenciatura da UFFS?

9. APÊNDICE B

Narrativa: Utilize este espaço para narrar suas experiências como supervisor de estágios em âmbito escola.

10. APÊNDICE C

Fragmentação entrevistas

Pergunta 1

Emília

Acho que há uma boa interação entre as duas;
prof. Maria

Eu particularmente amo a Universidade aqui porque a gente pode fazer um monte de coisa que a gente não fazia levá-los lá, tem a experiência com os estágios, com o PIBID, então eu acho muito importante pra quem ta estudando e pros alunos, pra verem, ter alguma coisa diferente, para terem acesso, pra eles irem pra universidade, pra saberem que não está tão distante da realidade deles. Então eu gosto muito.

Débora

Na minha opinião e uma relação muito interessante ambos os lados ganham com essa troca.

Rachel

Vejo que estágio só vem a contribuir com a escola porque o estagiário ele traz muitas coisas novas muita informação e nem sempre o aluno estagiário tem maturidade para processar isso dentro de sala de aula. A maior dificuldade nossa é de fazer com que nossos alunos tenham vontade de estudar, então o estagiário traz inovação, traz tecnologia, traz novidades e junto com o professor pode ser feito esse trabalho.

Acho que a Universidade tinha que estar mais presente, mais junto com as escolas e com o supervisor por parte da Universidade acredito que tinha que acompanhar mais o estagiário, tinha que ficar mais presente na sala de aula, acompanhar porque a maior dificuldade hoje é fazer com que os alunos auxiliem o estagiário na hora da execução do estágio. Os alunos nossos, nossos alunos em sala de aula auxiliem o professor estagiário na execução do trabalho.

Marie

Excelente

Rosa

Eu acho excelente porque a escola abrindo as portas para universidade traz os os conhecimentos dos professores universitários, o que a universidade tem para oferecer que é um pensamento diferente da escola de educação básica que tá as vezes meio que desatualizada em algumas coisas, Então eu vejo que eles parecem que tem ideias novas, diferentes das ideias que nós temos.

Pergunta 2

Emília

Com certeza, eu acho que já saem um pouco preparado para ir para a sala de aula, tem uma base já.

Maria

Com certeza, o estágio é fundamental porque se você não está dentro da realidade da escola, você não sabe como funciona, porque na faculdade a gente não aprende a trabalhar na escola, você aprende o conteúdo, você aprende a trabalhar na escola dentro da escola com o contato com os alunos, porque é uma realidade totalmente diferente do que a gente imagina. Então este contato do estágio de vocês com os alunos em sala é 50% da formação.

Débora

Sim através do estágio o docente tem uma noção de sala de aula, se é realmente o que pretende ser ou não.

Rachel

Acredito que na formação do professor o estagiário possa contribuir sim e muito porque esse intercâmbio, essa troca de informações é muito importante e isso é fundamental, ne...cada uma com suas partes positivas.

Marie

Sim. Sua inserção na escola vai contribuindo para sua prática futura.

Rosa

Contribui só que o tempo é muito pequeno, então não tem tempo do estagiário saber se é realmente o que ele vai querer. Então como que vai contribuir vinte horas, quinze horas de regência em sala de aula, não dá tempo de conhecer a realidade de uma turma quem dirá de uma escola.

Pergunta 3**Emília**

Eu acho que pra nós como supervisoras, traz ideias novas assim sempre está trazendo coisas novas. Que a gente se formou e às vezes não teve estas coisas novas que vocês estão trazendo pra gente na sala de aula.

Maria

A eu acho que a gente aprende bastante também, porque os estagiários vêm sempre com alguma informação nova, trazem ideias novas que estão dentro da faculdade agora, então estão lá aprendendo coisas diferentes do que a gente aprendeu. A gente acaba tendo menos tempo pra procurar dinâmicas e atividades diferentes também as vezes. Então eu acho que vocês contribuem muito. Eu mesma aproveito bastante, já peguei atividades de estagiários que trabalharam comigo pra trabalhar com outras turmas de outras escolas. Então eu acho muito importante, eu acho que a gente aprende junto.

Débora

A vida é uma constante troca um aprende com o outro isso traz crescimento para mim como professora aprendo muito com meus estagiários.

Rachel

Reavaliar a prática pedagógica do próprio professor como supervisor, acho que a gente fica mais de fora e a gente tem um olhar diferenciado para a prática pedagógica.

Marie

Através da troca de experiências, conversas, observação...

Rosa

Contribui muito, porque a gente fica observando as técnicas, as metodologias que eles usam o jeito de lidar com os alunos, sempre aprende alguma coisa, sempre aprende.

Pergunta 4

Emília

Eu acho que há um bom relacionamento entre os dois, eu tive boa relação entre nós, com os estagiários, eles só vieram pra ajudar, no diálogo, na conversa, foi ótimo.

Maria

Olha não sei se vocês são bem bom mesmo ou se eu tive muita sorte, porque todos os que eu peguei até hoje, desde as meninas da flor ano retrasado e todo mundo que veio agora eu sempre tive uma relação muito boa assim, todos muito educados, muito comprometidos assim, né, na maioria dos casos não tive muito contato com todos, todos né, alguns a gente acaba falando mais e outros menos, mas todos assim organizados né, apresentam material antes. Então não sei se eu tive muita sorte ou...(rsrs). Mas eu sempre tive relação boa com todos que vieram estagiar comigo.

Débora

Sempre tenho uma relação de companheirismo mútuo isto faz que o trabalho seja feito com mais carinho e dedicação.

Rachel

A gente viveu numa escola bastante tradicional então a gente sabe que a escola hoje, as inovações que os estagiários trazem auxiliam muito a gente e a gente busca também tornar diferente as nossas aulas, então essa troca muito gostosa só vem acrescentar muito isso pra gente como professor, como supervisor.

Marie

De forma tranquila, é um momento de passar segurança e firmeza para quem irá conduzir a sala de aula.

Rosa

Os estagiários nos procuram na escola onde eles querem fazer estágio, conversam ai apresentam os documentos a gente assina, eles escolhem geralmente a turma. As vezes a gente procura direciona pra eles pegar uma turma melhor, uma turma que tenha menos problemas. Geralmente eu dou uma dica: olha essa turma é melhor essa turma dá menos problema, essa vai poder fazer um trabalho melhor, geralmente eu tipo indico pros estagiários a melhor turma que eu acho que vai ser mais fácil pra eles trabalhar.

Eu gosto muito, gosto muito porque assim, eu acho que se a escola não abrir pros universitários o que eles vão fazer? a escola tem que abrir, é necessário. Então assim, eu

não vejo problema nenhum porque eu não consigo ficar sem intervir. Se eu vejo que não está do jeito que tem que ser a aula eu faço intervenções peço licença, eu já fui pro quadro explica contudo que as estagiárias não deram conta, eu já conversei com os professores da UFFS que coordenam esses estágios que eu achei pouco preparado esses alunos, alguns tem que se preparar mais, na realidade o alunos, o estagiário ele tem que estar bem preparado., não adianta porque a realidade de sala de aula é bem diferente se ele não dominar o conteúdo ele não domina a turma, isso é fato. Então eu sempre procuro conversar para se prepararem, para sempre preparou um slide, tenha preparado a fala, a aula expositiva, por que? Porque a TV pode não funcionar. Preparou um vídeo? tenha preparado uma outra coisa, sempre duas metodologias e sempre sabendo o conteúdo. Sempre tem que ter domínio do conteúdo e se eu vejo que o estagiário deixa a desejar, eu do piteco na aula sim, me intrometo na aula e do piteco e ajudo e ...

Pergunta 5

Emília

Eu acho que é analisar, analisar e se tiver alguma crítica chegar e falar pro estagiário.

Maria

Coordenar, orientar, dar o norte. Porque assim, como tem uns que vem estagiar e ja tem experiência em sala de aula, tem uns que nunca botaram o pé na sala nenhuma vez. Então eu acho que esse norte de dizer como agir, compartilhar atividade antes pra gente dizer não essa aqui vai demorar muito, você não vai dar conta de fazer né, ou la na sala mesmo interferir um pouco, dar uma opinião. Eu acho que é esta a função do supervisor, auxiliar dar o norte, orientar como fazer, mas não interferir, porque tem que ter essa autonomia de lidar com a turma de dizer não agora nós vamos fazer isso, agora vamos fazer grupo, agora vai... eu acho que a gente tem que ficar lá para justamente dar esse norte, dar essa orientação que precisa.

Débora

De observar, e não criticar dando orientação quando achar necessário.

Rachel

Supervisor de estágio tem que ser o grande orientador, tem que ver, ver a questão do tempo a aplicação das atividades a questão do conteúdo se está dentro da série, adequado a série, apropriado as atividades para o número de alunos tudo isso. Tudo isso é o supervisor que tem que questionar o estagiário, ele é o grande responsável por isso.

Marie

Observar, conduzir a continuidade do conteúdo adequando-o a realidade da escola e estar presente para qualquer tipo de dúvida ou questionamento.

Rosa

O supervisor de estágio tem que orientar, tem que mostrar o plano de trabalho, tem que orientar fazer, acolher, acolher esse estagiário, fazer com que ele se sinta seguro, fazer com que os alunos respeitem. Os alunos de maneira geral, gostam muito dos estagiários porque elas são mais boazinhas, elas são mais queridas, são mais bonitas tem um monte de fatores que contribui. Quando termina as aulas eles “aaa se foi”, então geralmente eles avaliam muito bem os estágios.

Pergunta 6

Emília

Não, não tive nenhum retorno.

Maria

Os dois grupos que tive na flor da serra sim, voltaram. E daí aqui como é o primeiro ano, o grupo de vocês que está trabalhando faz tempo né, então você retornou fez atividades e tá sempre dando resultado pra gente. Agora esse último grupo que trabalhou com a prática que daí era o estágio da oficina, observação e oficina, daí ainda não. Então não sei se eles voltam, como que eles se programaram né. Mas eu tive retorno, na maioria dos casos assim, pelo menos os que foram já até agora. Só esse último grupo que veio agora então que daí eles ficaram... tem ainda essa menina que falta vir. Mas eu acredito que quem trabalhou comigo sempre foi tranquilo, sempre retornou.

Débora

De alguns sim de outros não. Eles retornam mostrando seu trabalho durante os estágios

Rachel

Muitos dos estágios a gente recebe retorno, tá. Nós tivemos problemas com poucos. Quando a gente teve, a gente entrou em contato com o pessoal da UFFS, tá. Porque não estava dando certo, a gente entrou em contato, aí o professor supervisor da UFFS entrou em contato conosco. Mas é isso que tem que acontecer porque a gente é o grande responsável para que este profissional esteja na sala de aula daqui a pouco atuando como professor.

Com relação ao retorno só acho que é um pouco lento, porque tinha que ter um contato maior entre o supervisor tinha que vir mais vezes, o supervisor de estágio da

Universidade tinha que acompanhar mais diretamente na escola não ficar tão distante, tinha que estar mais direto na escola na execução deste estágio.

Marie

Sim. São passadas as datas, conteúdos, atividades dentre outros.

Rosa

Não, nunca recebi.

Pergunta 7

Emília

O que o estágio traz pra mim? Eu acho que normal, não é porque sou supervisora que tenho que me engrandece, eu sempre tento ajuda e manter um bom relacionamento entre os dois. Tanto é que sempre falo: o estagiário vem a concluir pra gente, ele ajuda na matéria, e pra ele também que saí dali com uma bagagem, uma experiência.

prof. Maria

A eu gosto. Eu gosto porque sempre vem, mesmo assim que as vezes a gente sabe que os alunos bagunçam, incomodam e tal quando tem alguém diferente na sala, as vezes dá algum transtorno para realizar alguma atividade e tal, mas eu gosto porque é uma atividade diferente é uma pessoa diferente falando daquele conteúdo, então eu gosto, eu acho que vem somar.

Débora

Supervisão é um momento de relação formal e colaborativa com o objetivo de desenvolver o, ensino e aprendizagem na prática que ocorre em sala de aula o supervisor da orientação a fim de facilitar o desenvolvimento de competências e habilidades dentro do estágio.

Rachel

Sinto uma renovação na escola, acho que tinha acontecer isso sempre e tinha que haver mais seguido, e a universidade estar mais dentro da escola.

Marie

Reciprocidade.

Rosa

Eu gosto, eu acho que a escola é o campo e por mim poderia ter estagiário em todas as minhas aulas que são sempre bem vindos. Eu cato eles pelos corredores e convido para fazer estágio.

Pergunta 8

Emília

Pra falar bem a verdade, eu acho que teria que ser mais em sala de aula, mais estágio em sala de aula porque eu acho que é pouco ainda, para falar bem a verdade né. E tem algumas faculdades que vão lá e só pegam a assinatura, nem fazem o estágio em si, né? Então eu acho que teria que ser mais estágio na sala de aula.

Maria

É eu acho assim, mesmo no meu tempo como agora, eu já falei, a universidade, ela ensina conteúdo, mas ela não ensina trabalhar, porque só quando a gente chega no chão da escola que a gente enxerga como de fato você tem que trabalhar, então a gente não tem essa visão só na universidade. Então essa formação dos estágios de observação, dos estágios de regência ela é muito importante para que vocês tenham essa noção do chão da escola mesmo, da realidade que a gente tem aqui, da quantidade de aluno em sala, da diferença entre eles em sala. E que às vezes você planeja uma coisa maravilhosa e você não consegue fazer nada daquilo, que você tem que ter uma segunda, uma terceira carta na manga pra conseguir trabalhar, e isso a universidade não ensina. Então eu acho que essa parte dos estágios, essa parte da docência, da didática em sala de aula, ela é muito importante, então eu acho que é o caminho, é por aí que tem que ser pra vocês terem uma noção de como chegar na escola de verdade, se não tá perdido, não saber chegar aqui, chegar sem saber o que fazer. Então acho que isso é o que ajuda muito, porque o conteúdo, claro que você tem que saber, mas você consegue estudar o conteúdo pra trabalhar. Agora essa didática de como trabalhar o conteúdo de conhecer cada turma, de saber que uma turma você vai conseguir trabalhar de um jeito e com a outra você vai ter que trabalhar de outro totalmente diferente e acompanhar o nível deles que é totalmente divergente de um pro outro, é isso que é difícil, né. Então esses estágios, essas observações, essas práticas que vocês fazem acho que ajuda muito.

Débora

De acompanhamento pois o período de estágio é curto.

Rachel

Eu assumo esse processo com tranquilidade porque quando vejo que as coisas não estão certas ou quando elas estão certas eu sou a primeira a corrigir ou a elogiar. Então assim, eu tenho uma postura muito imediata perante, um posicionamento muito imediato perante essas situações. Então se não tá dando muito certo eu já aciono a questão do supervisor da UFFS, que foi que a gente fez, pra não ter problema, pra não se perder a turma e pro estagiário também não se prejudicar.

Marie

Com responsabilidade.

Rosa

Eu assumo da maneira, tipo assim, eu procuro mostrar pra ele é tipo a chamada *on line* como que é feita (nesse sentido? assim, isso que você quer saber?). Eles não podem ter acesso ao livro de chamada, o que eu acho um erro, mas assim eu mostro pra eles como que é, como que funciona o plano de trabalho como que é feito, é...falo sobre as normas que tem que ser cumpridas na escola esse tipo de coisa assim, sempre orientando. Não sei se é isso que tu quer saber?

Pergunta 9

Emília

Eu tive agora dois estágios, estágios de Ciências, que foram aplicados aqui, mas não era eu no começo a supervisora, era outra professora, mas eu achei que só ajudou com a matéria, trouxeram as dinâmicas, umas coisas diferentes que só veio contribuir com a matéria. Ficou bem esclarecido mesmo o conteúdo.

Maria

Bom, eu procuro sempre ajudar, tudo o que eu tiver de atividades, o que eu tiver de dica de como trabalhar, desde que a gente perceba que tenha interesse que quer saber, que quer que a gente ajude, que as vezes né...mas eu, como falei, tive sorte, todos que vieram pra eu ser supervisora ate agora sempre interessados, sempre conversaram antes, então o que eu pude dar de dica, de auxiliar, então, de estar disposta a conversar antes de ver antes ou ajudar fazer, então essa é a forma que eu achei de ajudar, porque eu acho que você tem que dar autonomia pra fazer, então a nossa função acho que é essa, dizer o conteúdo que a gente esta trabalhando, orientar, mas deixar com autonomia pra resolver a situação.

Débora

Acredito que durante todo esse tempo de professora tenho algo para passar de bom, mas o interesse é do novo docente só passo informações quando houver interesse e for solicitada.

Rachel

A gente contribui na medida do possível com a experiência da gente, com as trocas de experiência e principalmente com a vivência. A gente contribui muito, eu vejo, na questão disciplinar, que o estagiário ele tem conhecimento do conteúdo, ele vem com conhecimento em metodologias, mas ele tem muita dificuldade em envolver os alunos e a gente faz isso a gente trabalha com isso junto com o estagiário, como colaborador.

Marie

Tento fazer da melhor forma possível, conduzindo o conteúdo a ser repassado e deixando claro a realidade da turma.

Rosa

Orientação, mostrar como é o planejamento...

Pergunta 10**Emília**

Mais cursos, eu acho que os professores de ciências deveriam ter mais cursos, desde a hora atividade é pouco como diminuiu a nossa hora atividade, deveria ter mais, porque ciências pede bastante experiências e pra isso pra fazer uma experiência em sala de aula ela toma muito tempo.

Maria

Eu acho que ta no caminho, sabe. De repente se tivesse uma forma quem sabe, de ampliar um pouco esses estágios, algumas atividades mais relacionadas com a didática ou mesmo com a aplicação dos conteúdos, eu acho que seria importante. Mas, eu acho que o caminho é esse, o caminho ta certo.

Débora

Na minha opinião acredito que está sendo feito, mas depende de cada um talvez uma observação logo no início do curso iria ajudar eles decidir se realmente querem ser docentes na área de ciências.

Rachel

Então...eu penso que nós devíamos ter esse intercâmbio não em cima do laço, sabe, como vem acontecendo traz a ficha pra preencher, pronto. Tinha que ter uma organização bem antecipada no início do ano, pro professor participar, o estagiário participar da elaboração do trabalho docente pra saber o que ele vai fazer quando ele vem, pra já estar preparado pra isso. Depois eu na minha cabeça assim, eu penso que nós poderíamos contribuir mais sugerindo os títulos, os tópicos pra esses alunos, inclusive as datas que não tem tantos jogos no meio que não tem festas no meio, comemoração para não interromper os estágios. Eu acho que nesse sentido a escola e a Universidade tem que conversar mais.

Marie

Sempre há algo para melhorar, creio que o tempo de estágio de regência seja meio restrito.

Rosa

Eu acho que assim, eu vi muita dificuldade no pessoal da Química e da Física estagiando em Ciências, eles têm dificuldades com o conteúdo de Ciências então eu já falei com o professor Jackson que é necessário que eles se preparem mais, eu percebi assim uma diferença muito grande dos alunos que são acadêmicos de Química e Física eles são fracos no conteúdo de Ciências.

Pergunta 11

Emília

As coisas boas, não sei se na UFFS tem, mas deveria ter mais como trabalhar mesmo com o aluno porque a maioria que está ali vai pra sala de aula então seria mesmo como se preparar mesmo para uma sala de aula. Com matérias, com material pra vir preparado para uma sala de aula. Que às vezes a gente tem essa dificuldade. Eu fiz a faculdade e a gente teve muita coisa e não veio... assim eu tive que procura, não sai com uma bagagem forte para entrar em uma sala de aula de ciências, porque foi muito só matéria, matéria, matéria e nada assim...só de conteúdo específico, essas seriam as dificuldades. Em relação aos cursos de formação também, agora este último que a gente teve começou a melhorar, tivemos bastante experiências. Eu acabei fazendo o de biologia, não o de ciências, mas nós tivemos bastante experiências, umas coisas bem dinâmicas para trabalhar com os alunos. Como falei, pra fazer uma experiência toma muito tempo você tem que se prepara que às vezes vai uma semana pra você concluir o que você estava preparando.

Maria

Acabamos respondendo já na verdade né é o que eu falei antes da prática, de você ter a teoria e você ter a parte prática. Então a teoria é uma coisa e a prática às vezes é muito diferente da teoria, então essa é eu acho que é a dificuldade. As dificuldades que nossas escolas enfrentam hoje, a grande quantidade de alunos, a questão social que ta ali dentro da sala de aula, que a gente tem que resolver, então muitas vezes o conteúdo fica secundário em relação a certas coisas né. Então essa eu acho que essa é a dificuldade a gente aprende o conteúdo muito bem, muito bonito, né, como tem que ser, o que tem que trabalhar em cada turma, beleza. Aí a gente chega na escola e a realidade não é assim tão bonita. Então eu acho que é as dificuldades que a escola enfrenta hoje é que são as dificuldades que a gente tem que trabalhar. Então isso vai ser pra vocês, como é para nós hoje, vai ser pra vocês que estão chegando também, então o próprio sistema de organização da escola, sistema de governo, favorece as dificuldades, não facilita na

verdade atrapalha. Então se gente tivesse mais condições faria muito mais na escola, mas tá cada vez mais restrito e vocês vão pegar uma fase bem complicada, a questão social, a questão das famílias, da desestruturação das famílias, essas crianças rebeldes que você não tem mais aquele que fica quieto, aquele que ouve, aquela turma que é homogênea, mais homogênea na verdade, então, essas são as dificuldades. O conteúdo em si eu acho que é o mais tranquilo que tem o difícil é as condições que a escola oferece que a escola tem né, e as turmas, as dificuldades de cada um aqueles que têm os deficit de atenção de aprendizagem que você tem ali, que você tem que saber lidar de n formas diferentes, então essas são as dificuldades.

Débora

O professor aprende e se desenvolve profissionalmente a partir do momento em que ele compartilha uma relação positiva entre sua formação e a instituição, dificuldades existem, mas devem ser superadas ao longo do caminho de formação,

Rachel

Compreendo que o trabalho de supervisor, do estagiário é a formação do professor. É a efetivação do tempo que o universitário ficou estudando, mas ele vai ter que se preparar para estar passando para essas crianças. Então esse tempo é extremamente necessário e é extremamente importante que ele seja acompanhado e que ele seja conduzido para a prática pedagógica.

Marie

É algo fundamental para formação inicial desses futuros docentes, pois é com os erros que irão melhorar a cada dia sua prática futura em sala de aula.

Rosa

As potencialidades, as coisas boas que eu vejo é que eles têm vontade, vontade de trazer coisas diferentes, eles são sonhadores na verdade, muito sonhadores e quando eles se deparam com a realidade em sala de aula eles percebem que não é nada daquilo, assim que tem a prática, eles têm a teoria e quando eles vêm pra realidade de uma turma com quarenta alunos de alunos inclusos, de alunos com problemas a realidade é outra. Eu sinto dó quando eu vejo que eles se decepcionam e tem estagiários que não querem mais que a partir do estágio decidem que não querem ser professores. É uma pena porque o curto período de tempo do estágio ele é muito pequeno para definir o futuro desse profissional então eu vejo isso como um ponto negativo, eles estão com uma teoria que não condiz com a prática, eles não estão preparados, não são preparados lá na teoria para o que é de fato a sala de aula. Então assim, às vezes eles tem surpresas negativas. E

os pontos positivos que eu vejo é que eles vêm pra escola eles têm contato com a realidade da escola e isso é muito importante pro futuro docente. Ele tem que ter contato com todos os segmentos da escola para ele saber e conhecer a realidade que nós temos. Eu acho que o estágio deveria ser feito em todas as turmas não só em uma, deveria ser mais estágio em todas as turmas para eles sentirem a realidade e outra coisa, em todos os TURNOS por que nós temos diferentes públicos em diferentes turnos em nossas escolas. O ponto positivo que eu vejo é que eles têm vontade, eles se preparam ,tem vontade eles têm metodologias novas, tem muito domínio das mídias, é uma coisa que me impressiona bastante.

Pergunta 12

Emília

Não tive contato com professores da UFFS.

Eu vejo que você trabalha muito bem apesar de não trabalharmos juntas, não tive esse contato com você, mas com outros eu não tive contato, ou pouco, que eu sempre atuei mais na área de biologia, mas os que tiveram ciências acho que estão saindo bem preparados para trabalhar em sala de aula.

Maria

Olha eu tenho alguns ex alunos fazendo biologia, fico bem feliz, que foram meus me falaram que vieram fazer biologia porque gostavam da disciplina, gostavam das aulas e foram fazer biologia. Então com alguns deles eu tive mais contato converso mais e eu vejo assim que é bem puxado o curso de biologia, é bem puxado, e um monte de...a gente vê assim que tem os conteúdos que estão bem dentro das DCEs , o que a gente trabalha na escola e eu particularmente vejo o curso de biologia da aqui da UFFS muito bom, por todos que eu acompanhei, claro que a gente no acompanha tão de perto, mas pelo que a gente ouve falar e por algumas amigas minhas que cursam que a gente acompanha um pouco mais eu acho que o curso é muito bom. Torço para que os que estagiaram comigo se animem de vir pra escola pra nos substituírem depois né, (rsrs) porque, é, todos os que eu tive de estágio, salvo um ou outro que assim tinha mais dificuldade ou era mais tímido, ou não se inteirava tanto, a maioria sim mostrava domínio de turma, organização das atividades, então é este tipo de gente que a gente quer, e a gente tá percebendo assim que pelo menos até onde eu conheço, a universidade está formando profissionais de boa qualidade então a gente torce pra que esses que venham depois para substituir a gente na escola.

Débora

Atualmente, pode-se verificar que a modalidade de ensino que se vem desenvolvendo nas instituições escolares tem sido alvo de muitas discussões e estudos no que se refere ao fato de estarem formando pessoas críticas, com capacidade para compreender e transformar seu conhecimento em contexto social-histórico.

Rachel

Penso que nós deveríamos estar mais presente na Universidade e a Universidade mais presente na escola. Nós deveríamos ter mais trabalho unificado, não só no estágio, mas nas práticas pedagógicas. A gente estuda pouco junto, nós precisamos voltar a estudar juntos.

Marie

Creio que seja algo importante para o desenvolvimento de sua formação, pois estão em contato e conhecendo o regimento das escolas, proposta curricular, bem como observar os alunos, preparar aulas de acordo com os conteúdos trabalhados, contato com alunos, outros professores, funcionários etc.

Rosa

Conheço você, vou falar de você.

Eu nunca ouvi reclamação, sei que você é muito dedicada, pelo que eu sei, se preocupa. Eu percebi em trocas de ideias com você que você realmente sabe definir o que é melhor para o aluno, porque uma vez nos trocamos uma ideia e eu com vinte anos de profissão e você teve a mesma visão que eu tinha sobre um conteúdo, uma coisa que me chamou atenção na época que você estava começando só e você já viu que aquilo não servia para o aluno e nós decidimos pular o conteúdo.

11. APÊNDICE D

Fragmentação narrativas

Supervisora Maria

O estágio é muito importante para a formação do profissional. O contato com a realidade concretiza pressupostos teóricos e faz tomar forma as discussões acadêmicas, assim o estagiário pode obter subsídios para investigar, analisar e intervir na sua realidade profissional, melhorando sua prática pedagógica.

É uma satisfação poder participar dessa etapa, onde jovens profissionais estão tendo os primeiros contatos com as escolas, estudantes, comunidade e outros profissionais envolvidos na educação, podendo compartilhar com eles alguns anos da minha experiência, acompanhá-los, direcioná-los e aprender também, nas suas

observações, intervenções e docência. "(...) o estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia a dia" (Pimenta e Lima, 2004), sendo assim obrigada por confiarem no meu trabalho, sempre tentei conduzir os estagiários para que se sentissem muito à vontade, fazendo algumas intervenções quando necessário, mas incentivando seu domínio de turma e a condução das atividades.

Supervisora Marie

Essa e outras parcerias com a Universidade melhoram a qualidade de ensino em nossas escolas! Boa sorte a todos!

Supervisora Emília

É de grande importância a inserção dos licenciandos na rotina da escola, pois é lá que ela vai passar a conhecer a realidade da mesma e poder ter contato com sua profissão, é nesse momento que a estagiária que é graduada vai construindo sua identidade profissional, colocando a teoria em prática e se descobrindo como o mais novo professor.

Posso afirmar que a experiência vivenciada durante a supervisão que tive com a estagiária foi muito importante, onde podemos compartilhar novas experiências e conhecimentos.

8. ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto: “Formação inicial dos professores de Ciências: percepções dos supervisores de estágio”

Pesquisador responsável: Sandra Maria Wirzbicki

Aluno participante: Eliangela Palharini de Carvalho Lotici (046) 9 99381092

Prezados,

Vocês estão sendo convidados (as) a participar da pesquisa “Formação inicial dos professores de Ciências: percepções dos supervisores de estágio”, desenvolvida por Eliangela Palharini de Carvalho Lotici, pós graduanda em Educação em Ciências Naturais e Sociedade da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Realeza-PR, sob orientação da Pesquisadora Responsável Sandra Maria Wirzbicki. O

objetivo central deste projeto consiste em compreender quais são os componentes didático-metodológicos que formam a ação dos professores supervisores da Escola, analisando os discursos dos professores da rede pública da educação básica do ensino fundamental, construindo reflexões que subsidiem o processo de formação inicial dos professores e contribuições dos estágios para a formação da identidade docente.

O convite a sua participação se deve à sua inserção na escola de educação básica como professores de Ciências das séries finais do Ensino Fundamental da rede pública estadual, do município de Realeza/PR. Sua participação é importante, para que os dados sejam mais confiáveis, bem como, possam de fato, ser o reflexo das situações que envolvem o espaço escolar. Sua participação consistirá em responder perguntas de uma entrevista à pesquisadora do projeto e escrever uma narrativa com relato de experiência em relação a sua vivência como supervisor(a) de estágio. A mesma não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos. Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais dos sujeitos participantes da pesquisa.

Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Os benefícios do professor participante na pesquisa, consiste na reflexão sobre o tema em questão que é a Integração entre a escola da Educação Básica e a Universidade por meio dos estágios, suas contribuições como supervisora(or) incluindo-as em suas práticas pedagógicas, de forma que essas problematizações possam contribuir com a formação dos professores e para a construção da identidade docente dos estagiários.

A participação na pesquisa, poderá causar riscos relacionados com um estresse psicológico ou emocional, decorrente das reflexões mobilizadas no processo de respostas à entrevista e escrita da narrativa de experiência. Caso o professor venha apresentar alguns destes riscos citados acima, sua entrevista e participação será finalizada, havendo a imediata suspensão da participação do sujeito na pesquisa e, se necessário serão efetuados encaminhamentos a profissionais especializados na área da psicologia ou psicoterapia.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Desde já agradecemos sua participação!

Realeza, ___/___/2017.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: (046) 3543 8358/ (46) 99918-0553

e-mail: sandra.wirzbicki@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
Campus Realeza; Rua Edmundo Gaievski, 1000, CEP 85.770-000 - Realeza - PR

**“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o
Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”:**

Tel e Fax - (0XX) 49- 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=proppg

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê
de Ética em Pesquisa da UFFS , Rua General Osório, 413D - CEP: 89802-210 - Caixa
Postal 181 – Centro - Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e
concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: _____

Assinatura: _____